

**Scott Adams**

# **Partículas de Deus**

Uma experiência para repensar a vida

SCOTT ADAMS

**PARTÍCULAS**  
**DE DEUS**

**TRADUÇÃO:**  
*Alice Xavier*

# SUMÁRIO

Introdução.....	9
O Pacote.....	13
O velho.....	17
Seu Livre-arbítrio.....	27
O Livre-arbítrio de Deus.....	33
Ciência.....	35
Onde se localiza o livre-arbítrio?.....	41
Crença Genuína.....	47
Mapas da estrada.....	51
O Gerador de Ilusões.....	55
Reencarnação, óvnis e Deus.....	61
A motivação de Deus.....	65
Partículas de Deus.....	71
A Consciência de Deus.....	77
A física da poeira divina.....	85
O livre-arbítrio de um centavo.....	95
Evolução.....	99
A doença dos cétricos.....	107
Paranormalidade e sorte.....	109
Paranormalidade e reconhecimento de padrões.....	115
Luz.....	121
Abelhas curiosas.....	129
Força de vontade.....	131
Terras santas.....	137
Lutando contra Deus.....	141
Relacionamentos.....	147
Afirmações.....	159
Quinto nível.....	167
Voltar ao lar.....	175
Depois da guerra.....	179

## INTRODUÇÃO

**E**ste não é um livro do Dilbert. Ele não contém humor. Eu o chamo de uma experiência em reflexão, embrulhada numa história de ficção, com 184 páginas. Mais adiante, explicarei a parte da experiência em reflexão.

*Partículas de Deus* não se enquadra nos rótulos habituais das publicações. E existe até uma divergência quanto ao material ser, ou não, ficcional. Eu argumento que se trata de uma ficção, pois os personagens não existem. Há quem argumente que não é ficção porque as opiniões e filosofias dos personagens podem ter um impacto duradouro sobre o leitor.

A história não contém violência, nem elementos de sexo, nem linguagem ofensiva. Mas as idéias expressas pelos personagens são inadequadas para mentes jovens. Não deve ser lido por menores de 14 anos.

O público-alvo de *Partículas de Deus* é todo mundo que gosta de ver o cérebro dando voltas e voltas dentro do crânio. Depois de certa idade, a maioria das pessoas se sente desconfortável perante novas idéias. Tal idade varia de uma pessoa para outra, mas, se você tem mais de 50 anos (mentais), provavelmente não irá gostar dessa experiência de reflexão. Se tem 23, sua probabilidade de gostar é muito alta.

O personagem central da história tem uma visão de Deus da qual você provavelmente nunca ouviu falar. Se você acha que pode se ofender com a visão pouco tradicional de Deus adotada por um personagem de ficção, por favor não leia o livro.

As opiniões e filosofias expressas pelos personagens não são as minhas próprias, exceto por coincidência, em alguns pontos sequer dignos de menção. Por favor, não me escreva com explicações apaixonadas das razões pelas quais minhas convicções estão equivocadas. Não será pela leitura de minha ficção que você

conhecerá minhas opiniões.

O personagem principal de *Partículas de Deus* sabe tudo. Literalmente tudo. Isso representa um desafio para mim como escritor. Se pensarmos em todas as coisas que se pode conhecer, eu não conheço muitas. Minha solução foi criar respostas que soavam inteligentes, usando o credo dos cétricos:

A explicação mais simples em geral está correta.

Minha experiência me diz que neste complicado mundo a explicação mais simples em geral está completamente errada. Mas percebi que a explicação mais simples normalmente parece correta, além de ser muito mais convincente do que qualquer explicação complicada poderia ter a pretensão de ser. Isso é o suficiente para meus objetivos aqui.

A abordagem da explicação mais simples mostrou-se mais provocativa do que eu esperava. As explicações mais simples para as grandes questões acabaram por ligar caminhos que não estão normalmente conectados. A descrição da realidade feita em *partículas de Deus* não é, ao que me consta, verdadeira, porém é estranhamente irresistível. E nisso consiste a experiência em reflexão:

Tente descobrir o que está errado  
nas explicações mais simples.

O personagem principal denuncia uma quantidade de “fatos” científicos. Algumas das afirmativas mais estranhas são consistentes com aquilo que os cientistas geralmente acreditam. Uma parte do que ele diz são bobagens engenhosas, preparadas para dar a impressão de verdadeiras. Veja se você é capaz de encontrar a diferença.

É possível que você ame essa experiência em reflexão embrulhada numa história. Ou talvez você a odeie. Mas não

conseguirá facilmente tira-la da cabeça. Para obter o máximo de prazer, compartilhe *Partículas de Deus* com amigos inteligentes e depois discutam a história enquanto saboreiam uma gostosa bebida.

# O PACOTE

A chuva fazia tudo ter um som diferente – o motor de minha caminhonete de entrega, o tráfego que passava por mim numa lâmina de nuvens caídas, uma ou outra buzina surda. Meu emprego não era excelente, mas também não era ruim. Eu conhecia tão bem a cidade que podia ficar perdido em pensamentos e, mesmo assim, dar conta do serviço, e ainda receber meu pagamento, e ainda ter muito tempo para mim. Quando se está dentro da própria cabeça, o intervalo da viagem de um edifício a outro se evapora. É como se fosse capaz de sumir numa parada e ressurgir na parada seguinte.

Minha história começa num dia em que fizuma entrega num lugar onde eu nunca havia estado. Normalmente, isso é um desafio interessante. Dá uma certa satisfação encontrar um novo lugar sem usar o mapa. Novatos é que usam mapas.

Se você fica trabalhanda na cidade por bastantetempo, ela começa a se entender com você no nível pessoal. As ruas revelam seus sentimentos. Às vezes, eles brigam com você. Quando anda procurando um novo edifício, você espera que a cidade lhe dê apoio. Você precisa usar algum raciocínio – pode chamar isso processo de eliminação – e um pouco de instinto, mas não use muito de cada um. Se pensar demais, ultrapassa o alvo e termina no píer ou no Tenderloin. Se relaxar e deixar que a cidade ajude, a destinação faz tudo por você. Estava num dia daqueles.

É incrível como se pode fazer o mesmotrajetto tantas vezes sem notar determinado sinal. Então, no momento em que estamos procurando por ele, ei-lo que surge. Avenida Universo. Poderia jurar que um dia antes ela não estava ali, mas sei que não é bem assim que as coisas funcionam.

O pacote era malfeito, quase não atendia aos padrões da

empresa. Calculei a distância da caminhonete ao saguão e decidi que a embalagem conseguiria agüentar a umidade. Pelo bem do pacote e de mim mesmo, rendi-me à chuva.

A entrega exigia uma assinatura. Essas eram as melhores. Eu poderia falar com as pessoas sem que houvesse algum hiato incômodo na conversa. Eu gostava de gente, mas, a menos que houvesse uma razão, não me sentia à vontade para conversar. A entrega de uma encomenda era uma boa desculpa para alguma interação superficial. As pessoas ficavam felizes por me verem e não me custava encontrar as palavras. Eu dizia: “assine aqui nesta linha”, e eles diziam “Muito obrigado”. Trocávamos algumas gentilezas sem significado e eu ia embora. Era assim que a coisa devia funcionar.

Subi os quatro degraus até a porta de madeira cheia de ornatos e apertei a campainha. Um dingue-dongue abafado encheu o interior e vazou pelas frestas da esquadria.

Os entregadores não gostam de deixar bilhete amarelo, confissão do fracasso da entrega. Significa voltar, e eu gostava de fazer meu serviço de uma vez só. Gostava que minhas tarefas tivessem começo e fim. Como regra geral, praticamente qualquer cliente é capaz de chegar à porta da frente em cerca de um minuto. Mas, em geral, eu esperava dois, para o caso de alguém estar indisposto ou ter problemas de locomoção. Dois minutos são uma eternidade, quando você está parado na soleira, numa tarde chuvosa em São Francisco.

Só não os usem assim.

Passaram-se dois minutos. As normas da empresa diziam que eu não podia tentar girar a maçaneta. Elas eram enfáticas a esse respeito.

Ora bolas as normas.



# O VELHO

**A** enorme maçaneta não ofereceu resistência quando girou sobre o tambor bem lubrificado. Já não me surpreendia encontrar portas destrancadas na cidade. Talvez num nível subconsciente, não acreditamos na necessidade de proteção contra nossa própria espécie.

Calculei que iria deixar pacote do lado de dentro da porta e assinar o nome do cliente. Eu já havia assinado antes por clientes e até agora ninguém reclamara. Era um delito que dava justa causa, mas só se você fosse apanhado.

Do lado de dentro, vi um corredor longo e escuro, de paredes texturizadas em tons de vermelho, cobertas por grandes telas iluminadas. No final, havia uma porta semi-aberta que dava para um quarto de onde saía uma luz bruxuleante. Tinha alguém em casa e devia ter ouvido a campainha. Não gostei do jeitão da coisa. De vez em quando você tropeça em algum idoso que morre sozinho e passa despercebido por semanas. Minha mente dirigiu-se para lá. Entrei e fechei a porta, desfrutando o calor enquanto decidia o que fazer em seguida.

— alô! — Falei em minha voz profissional, na esperança de que não soasse ameaçadora. Andei pelo corredor afora, arrastando os pés, notando que as pinturas pareciam originais. Alguém tinha dinheiro. E muito.

A fonte da luz vacilante era uma grandelareira de pedra. Entrei no cômodo, sem saber ao certo por que eu estava sendo cauteloso. De certa forma, o aposento era simples e importante ao mesmo tempo. Estava meio à luz das chamas, meio às escuras, e caprichosamente decorado com mobiliário antigo de madeira,

paredes de padronagens elaboradas e piso de tábua corrida. Minhas pupilas se dilataram para se desembaraçarem das sombras.

A voz de um velho se ergueu, saída da textura.

– Eu estava esperando por você.

Levei um susto, sentindo-se culpado por invadir o recinto. Precisei de um minuto para localizar a origem da voz. Era como se ela viesse do próprio cômodo. Alguma coisa se mexeu e percebi, no extremo oposto da lareira, numa cadeira de balanço, uma forma pequenina envolta numa manta de xadrez vermelho, parecendo um charuto enrolado às pressas. Suas mãos miúdas, cobertas de rugas, agarravam a cobertura como se fossem broches. Metidos num par de chinelos de pano, pediam do embrulho dois pés minúsculos.

— Sua porta estava destrancada – declarei, como se aquilo fosse razão suficiente para minha intrusão. — Eu trouxe uma encomenda.

Só se ouvia o fogo. Eu aguardava uma resposta. É assim que a coisa deve funcionar: alguém diz uma coisa, a outra pessoa deve dizer alguma coisa em resposta. O velho não estava colaborando.

Ele ficou olhando para mim e se balançando, talvez me avaliando ou, quem sabe estivesse perdido em lembranças. Eu já tinha dito o que precisava dizer, daí fiquei parado em silêncio por um tempo que parecia longo demais. Acho que vi um esboço de sorriso, ou talvez fosse um tremor no músculo. Ele falou com jeito deliberado de um homem que não usava a voz há dias, e fez uma estranha pergunta:

– Se você jogar uma moeda para cima mil vezes, quantas vezes vai dar cara?

Os velhos são esquisitos, quando degeneram em reflexos de seus eus mais jovens. Dizem coisas que têm lógica em algum nível gramatical, mas nem sempre estão ligadas à realidade. Lembro-me de meu avô em seus anos de declínio, e de como ele dizia coisas desconexas. Era melhor fazer o jogo.

— Cinquenta por cento das vezes – respondi, antes de muda de assunto. — Vou precisar de uma assinatura para este pacote.

— Porquê?

— Bom – respondi, medindo a informação que incluiria na resposta –, quem mandou o pacote quer uma assinatura. Ele precisa da confirmação de que foi entregue.

— Eu quis dizer, porque vai dar cara cinqüenta por cento das vezes?

— Acho que é porque a moeda pesa a mesma coisa nos dois lados, e assim ela tem cinqüenta por cento de chance de cair para um lado ou para o outro.

Tentei não parecer condescendente. Não tenho certeza se consegui.

— Você não respondeu por quê. Simplesmente distou alguns fatos.

Percebi o que estava acontecendo. O velho faz uma pergunta capciosa a todo mundo que chega perto. Devia haver alguma frase ou resposta malandra, por isso eu fiz o jogo.

— Qual a resposta? — Perguntei, com todo o interesse artificial que consegui reunir.

— A resposta – disse ele – é que a pergunta não tem um porquê.

– Você pode dizer isso a respeito de quase tudo.

– Não – ele replicou, de um jeito que, de súbito, parecia coerente. — Quase a metade das perguntas tem uma resposta para porquê. Só a probabilidade é inexplicável.

Esperiei um momento pela frase de efeito, mas ela não veio.

– É só isso? — Perguntei.

– É mais do que aparenta.

– Eu ainda preciso de uma assinatura.

Aproximei-me do velho e estendi a prancheta, mas os olhos eram surpreendentemente claros. Um punhado de cabelos brancos se encarapitava por cima de cada orelha, e a postura do homem era um permanente diálogo com gravidade. Ele não era velho: era antigo.

Fez um gesto de cabeça em direção à prancheta.

– Você pode assinar.

No ramo de entregas, fazemos muitas exceções para idosos, por isso não me importei de assinar por ele. Imaginei que suas mãos ou seus olhos já não funcionassem tão bem quanto desejaria, e eu podia poupar-lhe a frustração de pelejar com a caneta.

Li o nome antes de forjar a assinatura.

*Avatar. A-v-a-t-a-r.*

– É para você – declarou.

– O que é para mim?

– O pacote.

– Eu só entrego os pacotes – esclareci. — meu trabalho é trazer-los para você. É seu pacote.

– Não, é seu.

— Ham, ham, está certo – respondi, planejando minha estratégia de saída. Imaginei que poderia deixar o pacote no corredor ao sair. A pessoa que cuidava do velho iria achá-lo.

— O que há no pacote? – perguntei, na esperança de superar o incômodo momento.

— É a resposta a sua pergunta.

— Eu não estava esperando nenhuma resposta.

— Eu entendo – disse o velho.

Eu não sabia o que responder àquilo e, assim sendo, não respondi. Ele continuou:

— Deixe-me fazer uma pergunta simples: você entregou o pacote ou o pacote entregou você?

A essa altura eu já estava um pouco irritado com a esperteza dele, mas também admitidamente envolvido. Eu ignorava a situação do velho, porém ele não era tão miolo mole quanto julguei a princípio. Dei uma olhada no relógio. Quase hora do almoço. Resolvi ver onde aquilo iria dar.

— Eu entreguei o pacote – respondi. Aquilo parecia bastante óbvio.

— Se o pacote não tivesse endereço, você teria entregue aqui?

Respondi que não.

— Então você vai concordar que a entrega do pacote exigiu a participação dele. O pacote lhe disse aonde ir.

— Imagino que seja verdade, de certo modo. Mas é a parte menos importante da entrega. Eu dirigi, e levantei, e carreguei. Essa é a parte importante.

— Como é que pode ser mais importante uma parte, se cada parte é inteiramente necessária? – perguntou.

— Veja – eu disse – , estou segurando o pacote e estou caminhando com ele. Isto é fazer a entrega. Eu estou entregando o pacote. É isso o que eu faço. Entrego pacotes de encomenda.

— Este é um modo ver a questão. Um outro modo é que tanto você quanto o pacote chegaram aqui ao mesmo tempo. E que ambos eram necessários. Eu digo que o pacote entregou você.

Havia uma lógica destorcida naquela interpretação, mas eu não estava querendo me render.

— A diferença é a interação. Se eu deixar este pacote aqui e for embora, acho que isso resolve a questão de quem entregou quem.

— Talvez resolva – disse ele, virando-se para o fogo. — Você se importa de jogar mais uma tora de lenha na lareira?

Escolhi uma das grandes. As brasas tímidas celebraram sua chegada. Tive a leve impressão de que o pedaço de lenha estava contente em ajudar, de fazer sua parte em manter aquecido o velho. Era um pensamento idiota. Esfreguei as mãos e virei-me para ir embora.

— A cadeira é sua – disse ele, fazendo um gesto na direção de uma cadeira de balanço de madeira, ao lado da dele. Eu não tinha notado a segunda cadeira.

O rosto do velho revelava uma vida de empreendimentos úteis. Tive a sensação de que ele merecia companhia e me alegrei em oferecer-lhe alguma. Minha alternativa envolvia a sacola do almoço e a traseira da caminhonete. Talvez não houvesse o que escolher.

Refestelei-me na cadeira de balanço, deixando que seu ritmo me embalasse. Era profundamente relaxante. A sala parecia agora mais vívida e vibrava com a personalidade do dono. Os móveis eram obviamente projetados para dar conforto. Tudo no ambiente era feito de pedra, ou de madeira, ou de alguma planta, a maioria em cores outonais. Era como se o aposento tivesse brotado diretamente do chão em plena São Francisco.

# SEU LIVRE-ARBÍTRIO

— Você acredita em Deus? – perguntou o velho, como se fôssemos conhecidos de uma vida inteira, mas tivéssemos, de algum modo, esquecido de discutir aquele tópico específico. Presumi que ele queria ter certeza de que sua partida desta vida seria o começo de algo melhor. Dei-lhe uma resposta amável.

— Tem de haver um Deus – garanti. — Do contrário, nenhum de nós estaria aqui.

Não era uma razão suficiente, porém imaginei que ele não precisasse de mais do que isso.

— Você acredita que Deus é onipotente e que as pessoas têm livre-arbítrio? – perguntou.

— Isso para Deus é o trivial. Portanto, sim, acredito.

— Se Deus é onipotente, ele não saberia o futuro?

— Claro que sim.

— Se Deus sabe o que o futuro reserva, então todas as nossas escolhas já estão feitas, não é? O livre-arbítrio deve ser uma ilusão.

Ele era sagaz, mais eu não ia cair em sua armadilha.

— Deus nos deixa determinar o futuro sozinhos, usando nosso livre-arbítrio – expliquei.

— Então você acredita que Deus não conhece o futuro?

— Acho que conhece – admiti. — Mas ele deve preferir não conhecer.

— Então você concorda que seria impossível para Deus conhecer o futuro e garantir o livre-arbítrio aos seres humanos?

— Nunca pensei nisso antes, mais imagino que você tenha razão. Ele deve querer que nós encontremos nosso próprio caminho, daí ele intencionalmente tenta não ver o futuro.

— Em proveito de quem Deus se abstém do poder de determinar o futuro?

— Bem, deve ser em seu próprio proveito, e também do nosso – argumentei. — Ele não precisaria se conformar com menos.

O velho pressionou:

— Será que Deus não podia dar aos seres humanos a ilusão do livre-arbítrio? Ficaríamos tão felizes como se de fato tivéssemos o livre-arbítrio, e Deus conservaria sua capacidade de ver o futuro. Não será uma solução melhor para Deus do que a sugerida por você?

— Por que Deus ia querer nos enganar?

— Se Deus existe, seus motivos certamente são impenetráveis. Ninguém sabe por que ele assegura o livre-arbítrio, nem por que ele se importa com as almas humanas, nem porque a dor e o sofrimento são partes necessárias da vida.

— O que sei sobre os motivos de Deus é que ele deve nos amar, correto?

Em vista dos problemas do mundo, eu mesmo não estava convencido disso, mas tinha curiosidade de saber o que ele responderia.

— Amar? Quer dizer amor do jeito que você entende como ser humano?

— Bem, não exatamente, mas basicamente a mesma coisa. Quer dizer, amor é amor.

— Um neurocirurgião me diria que uma parte específica do cérebro controla a capacidade de amar. Se for lesada, as pessoas ficam incapacitadas de amar, incapacitadas de se preocupar com os demais.

— E daí?

— E daí, não seria arrogância pensar que o amor gerado por nossos pequenos cérebros é o mesmo que o vivenciado por um ser onipotente? Se você fosse onipotente, por que iria se limitar a uma coisa capaz de ser reproduzida por um ínfimo punhado de neurônios?

Mudei minha opinião para melhor defendê-la.



— Nós devemos sentir uma coisa *semelhante* ao jeito de sentir de Deus, mas não do mesmo jeito como Deus o sente.

— O que significa sentir uma coisa semelhante do jeito de sentir de Deus? É como dizer que um seixo é semelhante ao sol porque os dois são redondos? – reagiu.

— Talvez Deus tenha desenhado nosso cérebro para sentir amor do mesmo jeito como ele sente. Se Ele quisesse, poderia fazer isso.

— Então você acredita que Deus *quer* coisas. E ele *ama* coisas, de um jeito semelhantes aos dos seres humanos. Você também acredita que Deus vivencia a raiva e o perdão?

— Isso faz parte do pacote – confirmei, comprometendo-me um pouco mais com o meu lado da discussão.

— Portanto, segundo o que você diz, Deus tem uma personalidade e ela é semelhante ao que vivenciam os humanos?

— Acho que sim.

— Que espécie de arrogância supõe que Deus não tem uma personalidade exatamente como a das pessoas. Talvez nós apenas suponhamos que Deus tem uma personalidade porque fica mais fácil falar sobre ele dessa forma. Mas o importante é que alguma coisa tinha de criar a realidade. Ela é bem projetada demais para ter sido acidental.

— Você está dizendo que acredita em Deus por faltade outras explicações? – perguntou.

— Esta é uma grande parte do motivo.

— Se um mágico de circo fizer um tigre desaparecer e você não souber de que modo se pode fazer esse truque sem recorrer à mágica verdadeira, isso o transforma em, mágica verdadeira?

— Aí é diferente. O mágico sabe como isto é feito e os outros mágicos também sabem. Até o assistente do mágico sabe. Desde que alguém saiba como é feito, posso ter certeza de que não é mágica verdadeira. Não preciso saber pessoalmente como é feito – declarei.

— Se alguém muito sábio soubesse como o mundo foi

projetado sem a mão de Deus, aquela pessoa poderia convencer você de que Deus não esteve envolvido?

— Em teoria, sim. Mas não existe ninguém com tanto conhecimento.

— Para ser justo, a única certeza que você pode ter é de não saber se aquela pessoa existe ou não.

# O LIVRE-ARBÍTRIO DE DEUS

— **D**eus tem livre-arbítrio? – perguntou o velho.

— Obviamente sim– respondi. Até então,naquele diálogo, foi o momento em que me senti mais confiante.

— Admito queexiste alguma ambigüidade quantoaos seres humanos terem ou não livre-arbítrio, mas Deus é onipotente. Ser onipotente significa que você pode fazer qualquer coisa que queira. Se Deus não tivesse livre-arbítrio, ele não seria tão onipotente.

— Com certeza. Sendo onipotente, Deus deveser capaz de dar uma olhadinha em seu próprio futuro, de vê-lo em todos os seus detalhes perfeitos.

— É, já sei. Vocêvai dizer que se elevê seu próprio futuro, então as escolhas dele são predeterminadas. Ou, se ele não consegue ver o futuro, então não é onipotente.

— A onipotência émais ardilosa do queparece – disse ele.

# CIÊNCIA

— **E**stou vendo para que lado você está levando isso – afirmei.  
— você é ateu. Acha que a ciência tem as respostas e acha que as pessoas religiosas são todas delirantes.

— Vamos falar um momentinho de ciência – replicou.

Fiquei aliviado. Eu gostava de ciência. Foi minha matéria predileta na escola. Religião me deixava pouco à vontade. O melhor é não ficar pensando muito em religião, mas a ciência foi feita para se raciocinar. Baseia-se em fatos.

— Você tem muito conhecimento de ciência? – perguntei.

— Quase nada – declarou.

Imaginei que essa conversa seria rápida, e melhor que fosse, pois minha hora de almoço estava terminando.

Vamos analisar os ímãs – propôs o velho. — Se você colocar dois ímãs próximos um do outro, eles se atrairão. No entanto, não existe nada material para ligá-los.

— Existe, sim – retifiquei. — Existe um campo magnético. Você pode vê-lo quando faz aquele teste da limalha de ferro sobre a folha de papel e a limalha toda se organiza segundo linhas magnéticas. Aquilo é o campo magnético.

— Então você tem uma palavra para ele. É um “campo”, diz você. Mas não se pode comprar um punhado dessa coisa para a qual você tem um nome. Nem se pode encher uma vasilha com o campo magnético e levá-lo embora. Você não pode cortá-lo em pedaços. Nem pode bloquear o poder que ele tem.

— Você não pode bloqueá-lo? Disso eu não sabia.

— não importa que objeto você coloque entre os ímãs, a atração de um pelo outro continua exatamente a mesma. Esse seu “campo” é uma coisa esquisita. Nós conseguimos ver seus efeitos, e podemos inventar um nome para ele, mas ele não existe sob

nenhuma forma física. Como é que uma coisa que não existe em forma física tem influência sobre as coisas que existem?

— Talvez ele tenha forma física, mas é pequena e não podemos vê-la. É possível. Talvez existam minúsculos “magnétrons” ou algo assim – comentei, inventando uma palavra.

— Pense na forma da gravidade – continuou o velho, ignorando minha resposta criativa. — A gravidade também é uma força invisível que não pode ser bloqueada por nenhum objeto. Ela atravessa o universo inteiro e liga instantaneamente todas as coisas, e no entanto não tem forma física.

— Acho que Einstein Disse que ela era curvatura do espaço – tempo por objetos maciços – comentei, trazendo de volta à memória um artigo de revista que tinha lido havia anos.

— Realmente, Einstein disse isso. E o que significa?

— Significa que o espaço é curvo; logo, quando parece que os objetos são atraídos uns pelos outros, eles só estão viajando na direção mais curta, através do espaço curvo.

— Você consegue imaginar um espaço curvo? – perguntou.

— Não, mas só por que eu não sou capaz de imaginar não quer dizer que não seja verdade. Não se pode discutir com Einstein.

Ele olhou para o lado. Imaginei que se irritara com a minha resposta, ou que estava só descansando. O que ele estava fazendo era uma pausa para acumular energia. Puxou o ar para o fundo de seus pulmõezinhos e começou:

— Muitas vezes os cientistas inventam palavras para tapar os furos de sua compreensão. Essas palavras são usadas por conveniência, até a verdadeira compreensão poder surgir. Às vezes a compreensão surge e as palavras temporárias podem ser substituídas por outras que tenham mais significado. Na maior parte das vezes, entretanto, a palavra-remendo ganha vida própria e ninguém se lembra mais que ela foi criada para marcar o lugar.

Por exemplo, alguns físicos descreveram a gravidade em termos de dez dimensões, sendo todas elas curvas. Mas essas não

são palavras reais – são apenas marcadores de lugar, usados para referir-se a partes de equações abstratas. Mesmo que as equações algum dia se revelassem proveitosas, não informariam nada sobre a existência de outras dimensões. Palavras como dimensão e campo não passam de conveniências para os matemáticos. Elas não são descrições da realidade, e no entanto nós as aceitamos como se fossem, pois cada qual está seguro de que alguma outra pessoa sabe o que significam as palavras.

Eu escutava. Balançando-me, levemente atordoado.

— Já ouviu falada teoria das cordas? perguntou.

— A teoria das cordas sustenta que toda a realidade física, desde a gravidade, até o magnetismo e a luz, pode ser explicada em uma só grande teoria que envolve objetos vibratórios minúsculos, em forma de corda. A teoria das cordas não produziu nenhum resultado útil. Nunca foi provada experimentalmente, e, no entanto, milhares de físicos estão dedicando suas carreiras a ela, confiando que seja sólida.

— Talvez ela *esteja* certa – pelo jeito, era minha vez de dizer alguma coisa.

— Cada geração de seres humanos acreditou que tinha todas as respostas necessárias, com exceção de alguns mistérios que esperavam ver solucionados a qualquer momento. E todos eles achavam os antepassados simplistas e delirantes. Que probabilidade há de vocês serem a primeira geração de seres humanos que vai entender a realidade?

— não acho que haja poucas. Tudo precisa acontecer uma primeira vez. Você viveu o bastante para ver a invenção dos computadores e as viagens espaciais. Talvez, para essa teoria das cordas, nós sejamos os primeiros.

— Computadores e naves espaciais, são exemplos de invenção, não de compreensão – assinalou. Tudo de que se precisa para construir máquinas é o conhecimento de que, quando uma coisa acontece, outra coisa acontece como resultado. É um acúmulo de padrões simples. Um cachorro pode aprender padrões.

Não há porquê nesses exemplos. Não entendemos por que a eletricidade viaja. Não sabemos por que a luz viaja em velocidade constante para sempre. Tudo o que podemos fazer é observar e registrar os padrões.

# ONDE SE LOCALIZA O LIVRE-ARBÍTRIO

— Onde está o seu livre-arbítrio? – perguntou o velho. — Ele é parte de seu cérebro ou emana de algum lugar fora de seu corpo e, de certa forma, controla suas ações?

— Há alguns minutos eu teria dito que sabia resposta dessa pergunta. Mas agora você está me fazendo duvidar de minhas suposições.

— Duvidar é bom – tranquilizou-me. — Mas me diga de onde você acha que vem o seu livre-arbítrio.

— Vou dizer que vem do meu cérebro. Quer dizer, é uma função do meu cérebro. Não tenho nenhuma resposta melhor.

— Seu cérebro é de certa forma uma máquina, não é? – perguntou.

Aquilo soava como uma pergunta capciosa, portanto dei a mim algum tempo para pensar.

— O cérebro não é exatamente como uma máquina.

— O cérebro se compõe de células, de neurônios, de compostos químicos e de trilhas e atividade elétrica, e todos estes se conformam com as leis físicas. Quando uma parte de seu cérebro é estimulada de uma forma específica, ela pode responder do jeito que quiser, ou irá responder sempre de uma forma específica?

— Não há como testar isso. Ninguém sabe.

— Então você acredita que nós só podemos conhecer as coisas que foram testadas? – indagou.

— Não estou dizendo isso.

— Então você não está dizendo nada, está?

Senti como se assim fosse.

— Então, onde está o livre-arbítrio? – insistiu.



— Deve estar relacionado com a alma.

Eu não tinha nenhuma resposta melhor que esta.

— Alma? Onde é que a alma está localizada?

— Em lugar nenhum. Ela simplesmente é.

— Então a alma não é física por natureza, segundo o que você diz – concluiu.

Acho que não. Do contrario, alguém provavelmente teria encontrado evidencia física da alma – disse eu.

— Então você acredita que a alma, que não é física pode influenciar o cérebro, que é físico?

— Nunca pensei nisso nesses termos, mas acho que acredito nisso.

— Você acredita que a alma possa influenciar outras coisas físicas, como um carro ou um relógio?

— Não, acho que a alma só afeta o cérebro.

Eu estava me arrastando penosamente, com pesos de chumbo amarrados no cinto.

— Sua alma pode influenciar o cérebro de outras pessoas, ou ela sabe qual é o seu cérebro?

— minha alma deve saber qual é o meu cérebro, senão eu seria influenciado por outras almas e não teria tido livre-arbítrio.

Ele fez uma pausa.

— Sua alma, segundo você, sabe a diferença entre o seu cérebro e tudo o mais que não é o seu cérebro. E ela jamais comete um engano a esse respeito. Isso quer dizer que sua alma tem uma estrutura e tem normas, como uma máquina.

— Deve ter – concordei.

— Se a alma é a fonte do livre-arbítrio, então ela deve estar pesando alternativas e tomando decisões.

— É o trabalho dela.

— Mas isso é como o cérebro faz. Por que você ia precisar de uma alma pra fazer o que o cérebro pode fazer? – contestou.

— Talvez a alma tenha livre-arbítrio e o cérebro não tenha – aleguei. — Ou a alma faz seu cérebro ter livre-arbítrio. A alma é

mais astuta ou mais virtuosa do que o cérebro. Sei lá.

Eu estava tentando tapar a maior quantidade possível de furos.

— Se as ações da alma não são controladas por normas, isso só pode significar que a alma age de forma aleatória. Por outro lado, se sua alma é guiada por normas, que por sua vez guiam você, então você não tem livre-arbítrio. Você é programado ou é predeterminado. Qual dos dois ela é?

Eu não estava preparado para acreditar que não tinha controle sobre minha própria vida.

— Talvez Deus esteja guiando minha alma – concluí.

— Se Deus está guiando sua alma e sua alma está guiando seu cérebro, então você não passa de um fantoche de Deus. Nesse caso, você realmente não tem livre-arbítrio, tem?

Fiz uma nova tentativa:

— Talvez Deus esteja guiando minha alma de um jeito meio direcional, mas quem decide exatamente que passos deve dar sou eu.

— Dito assim, é como se Deus estivesse dando a você algum tipo de teste de inteligência. Se você faz as escolhas certas, coisas boas acontecem com sua alma. É isso o que você está dizendo?

— Não se trata de inteligência, trata-se de moral – declarei.

— Moral?

— Isso mesmo, moral.

Senti que o argumento era bom, mesmo eu não sabendo qual era.

— Seu cérebro está envolvido na tomada de decisões morais ou essas decisões são tomadas em algum lugar fora de seu corpo? – perguntou.

Dei um gemido.

# CRENÇA GENUÍNA

**E**u precisava de reforços.

— Veja bem – comecei –, quatro bilhões de pessoas acreditam em alguma espécie de Deus e de livre-arbítrio. Elas não podem estar todas erradas.

— Muito poucas pessoas acreditam em Deus – replicou.

Eu não via de que jeito ele podia negar o óbvio.

— E claro que elas acreditam. Bilhões de pessoas acreditam em Deus.

O velho inclinou-se para mim, apoiando no braço de minha cadeira o cotovelo enrolado no cobertor.

— Quatro bilhões de pessoas *dizem* que acreditam em Deus, mas poucas acreditam genuinamente. Se as pessoas acreditassem em Deus, viveriam cada minuto de suas vidas em apoio àquela crença. Os ricos dariam sua fortuna aos necessitados. Todos estariam tentando freneticamente determinar que religião era a verdadeira. Ninguém se sentiria confortável com o pensamento de que pudesse ter escolhido a religião errada e caído por acaso na danação eterna, ou numa má reencarnação, ou qualquer outra conseqüência impensável. As pessoas dedicariam suas vidas a converter os outros a suas religiões. Uma crença em Deus exigiria cem por cento de devoção obsessiva, influenciando cada minuto de vigília dessa breve existência sobre a terra. Mas os seus quatro bilhões de pretensos crentes não vivem suas vidas dessa forma, com exceção de alguns. A maioria acredita na utilidade de suas crenças – uma utilidade terrena e prática –, mas não acredita na realidade subjacente.

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Se você perguntar a eles, afirmarão que acreditam.

— Eles dizem que acreditam porque para receber o benefício

da religião é necessário fingir que acreditam. Eles dizem aos outros que acreditam e fazem coisas típicas de quem acredita, como rezar e ler livros sagrados. Mas não fazem as coisas que o verdadeiro crente faria, as coisas que o verdadeiro crente *teria* de fazer.

Se você acreditasse que um caminhão estava vindo em sua direção, iria sair da frente. Isso é crença na realidade do caminhão. Se você diz aos outros que tem medo do caminhão, mais não sai da frente, isso é não acreditar no caminhão. Da mesma forma, não é uma crença acreditar que Deus existe e depois continuar pecando e acumulando sua fortuna, enquanto tem gente inocente morrendo de fome. Quando uma crença não controla suas decisões mais importantes, não é uma crença na realidade subjacente, é uma crença na utilidade de acreditar.

— Você está dizendo que Deus não existe? – perguntei, tentando ser objetivo.

— Estou dizendo que as pessoas afirmam acreditar em Deus, mas a maioria literalmente não acredita. Elas só agem como se acreditassem porque há benefícios terrenos em fazer isso. Elas criam para si mesmas uma ilusão porque isso as deixa felizes.

— Então você acha que só os ateus acreditam em sua própria crença? – perguntei.

— Não, ateus também preferem ilusões – disse ele.

— Então, segundo você, ninguém acredita em nada do que alega acreditar.

— O máximo que qualquer ser humano consegue fazer é escolher uma ilusão que o ajude a atravessar o dia. É por isso que pessoas de diferentes religiões conseguem viver em paz. Em algum nível, todos nós suspeitamos que as outras pessoas não acreditam mais em suas próprias religiões do que nós próprios acreditamos nas nossas.

Eu não conseguia aceitar aquilo.

— Talvez a razão de aceitarmos outras religiões seja que todas elas têm um conjunto central de crenças em comum. Ela só diverge no detalhes.

— Os judeus e os mulçumanos acreditam que Cristo não é o filho de Deus – contestou. — Se eles estão certos, então os cristãos estão errados sobre o cerne de sua religião. E se os judeus, ou os cristãos, ou os mulçumanos têm a religião certa, então os hindus e os budistas, que acreditam na reencarnação, estão errados. Você chamaria essas coisas de detalhes?

— Acho que não – confessei.

— Em certo nível de consciência, todo mundo sabe as probabilidades de escolher a religião verdadeira, se é que isso existe, são nulas.

# MAPAS DA ESTRADA

**E**u me sentia como um perneta tentando se equilibrar sobre um muro alto. Eu podia ficar pulando, enquanto buscava um jeito fácil de descer, ou podia simplesmente saltar de uma vez e me machucar. Resolvi saltar.

— Qual é a sua crença, sr. Avatar?

O velho balançou-se algumas vezes antes de responder.

— Digamos que você e eu resolvemos viajar separados para um mesmo lugar. Você tem um mapa que é azul e eu tenho um mapa que é verde. Nenhum dos dois mapas mostra todas as trajetórias possíveis, mas ambos mostram uma rota aceitável, embora diferente, para aquele destino. Se nós dois fizermos nossas viagens e voltarmos em segurança, iremos divulgar para outros nossos bem-sucedidos mapas. Eu diria, com total convicção, que meu mapa verde era perfeito, e poderia prevenir os demais para que evitassem qualquer outro tipo de mapa. Você iria ter a mesma convicção em relação a seu mapa azul.

As religiões são como mapas distintos, cujas rotas levam todas ao bem coletivo da sociedade. Alguns mapas levam os seguidores para terreno acidentado. Outros mapas seguem caminhos mais suaves. Dos viajantes de cada rota, alguns receberão a tarefa de serem os protetores e intérpretes do mapa. Eles ensinarão os jovens a respeitá-lo e a desconfiar de outros mapas.

— Está certo – assenti – mas, antes de mais nada, quem traçou os mapas?

— Os mapas foram traçados pelas primeiras pessoas que foram lá e não morreram. Os mapas que sobrevivem são aqueles que funcionam – acrescentou.

Enfim ele tinha apresentado um alvo para eu atacar.

— Você está dizendo que todas as religiões funcionam? E todas aquelas pessoas que foram mortas em guerras religiosas?

— Você não pode julgar o valor de uma coisa só pela análise dos custos. Em muitos países, morre mais gente em consequência de erros hospitalares do que de guerras religiosas, mas ninguém acusa os hospitais de serem maus. As pessoas religiosas em comparação com as não religiosas, são felizes, vivem mais tempo, sofrem menos acidentes e não se metem em encrencas. Do ponto de vista da sociedade, a religião funciona.

# O GERADOR DE ILUSÕES

À medida que minha hora de almoço ia se dissolvendo tarde afora, era como se tecnicamente eu houvesse abandonado o emprego. Mas não me importava. O tempo gasto com esse velho valia a pena. Eu não concordava com tudo que ele estava dizendo, mais minha mente estava mais viva do que estivera desde os meus tempos de criança. Eu me sentia como se tivesse acordado num planeta estranho, onde tudo parecia familiar, mas todas as regras eram diferentes. Ele era um mistério, porém a essa altura eu estava me acostumando com as suas perguntas saídas do nada.

– Alguém aconselhou você a “ser você mesmo”?

Respondi que ouvira isso muitas vezes.

– O que significa ser você mesmo? – ele perguntou. — Se significa fazer o que você acha que deve fazer, então você já está fazendo. Se significa agir como estivesse isento da influência da sociedade, é o pior conselho do mundo; você provavelmente iria parar de tomar banho e de vestir roupas. O conselho para “ser você mesmo” é obviamente tolice. Mas nossos cérebros aceitam semelhante bobagem como sabedoria, pois é mais cômodo acreditar que temos uma estratégia de vida do que acreditar que temos a menor idéia de como nos portar.

— Dito assim parece que nossos cérebros foram projetados para nos enganar – comentei.

— Há mais informações num pingão de realidade do que a quantidade capaz de ser entendida por uma galáxia de cérebros humanos. Entender o mundo e seu ambiente está além da capacidade do cérebro humano, daí ele se compensa com a criação de ilusões simplificadas que agem como um substituto da compreensão. Quando as ilusões funcionam bem e o ser humano



que as endossa sobrevive, aquelas ilusões são legadas às novas gerações.

O cérebro humano é um gerador de ilusões. As ilusões são alimentadas pela arrogância, a arrogância de que os humanos são o centro do mundo, de que só nós somos dotados das mágicas propriedades de almas, e de moral, e livre-arbítrio, e amor. Supomos que um Deus onipotente um interesse exclusivo em nosso progresso e atividades, enquanto nos oferece todo o resto da criação como pátio de recreação. Nós acreditamos que Deus, por pensar da mesma forma que nós, deve estar mais interessado em nossas vidas do que se interessa pelas pedras, e árvores, e plantas, e animais.

— Bem, eu não acho que as pedras seriam muito interessantes para Deus – opinei. — Elas só ficam pousadas no solo, entregues à erosão.

— Você pensa assim porque é incapaz de ver o turbilhão de atividade no nível molecular da pedra ou no nível abaixo daquele, e assim por diante. E você está limitado por sua percepção do tempo. Se observasse uma pedra pela vida toda, ela nunca pareceria diferente. Mas se você fosse Deus e pudesse observar a pedra por mais de quinze bilhões de anos, como se apenas um segundo tivesse se passado, a pedra estaria numa atividade frenética. Ela estaria se contraindo e se expandindo e trocando matéria com seu meio ambiente. Suas moléculas viajariam pelo universo e se tornariam parceiras de coisas surpreendentes, que jamais seríamos capazes de imaginar. Em compensação, a estranha coleção de moléculas que compõem o ser humano fica na mesma arrumação por menos tempo do que o universo leva para dar uma piscada. Nossa arrogância nos leva a imaginar valores especiais nessa temporária coleção de moléculas. Por que percebemos mais valores espirituais na soma das partes do nosso corpo do que em qualquer de suas células individuais? Por que não organizamos funerais quando morrem as células da pele?

— Isso não seria pratico – comentei.

Eu não tinha certeza se era uma pergunta para a qual se esperava resposta, mas queria mostrar que estava ouvindo.

— Exatamente – concordou. O senso prático governa nossa percepção. Para sobreviver, nossos insignificantes cérebros domesticar a enxurrada de informações que ameaça nos esmagar. Nossas percepções são maravilhosamente flexíveis, transformando automática e continuamente nossa visão de mundo, até encontrarmos um porto seguro numa confortável ilusão.

Para um Deus não contido pelos limites do senso prático humano, cada pequenina parte de nosso corpo estaria tão cheia de ação e significado quanto as partes de qualquer rocha, ou árvore, ou inseto. E a soma de suas partes que formam a personalidade e a vida que nós consideramos tão especiais e surpreendentes não pareceria nem especial nem surpreendente para um onipotente.

É absurdo definir Deus como onipotente e depois sobrecarregá-lo com nossa própria visão míope da relevância dos seres humanos. O que poderia ser interessante ou importante para um Deus que sabe tudo, que pode criar qualquer coisa, que pode destruir qualquer coisa? O conceito de “importância” é um conceito humano nascido de nossas necessidades de fazer escolhas para a sobrevivência. Um ser onipotente não tem necessidade de hierarquizar as coisas. Para Deus, não há coisa no universo que seja mais interessante, mais valiosa, mais útil, mais ameaçadora ou mais importante que qualquer outra.

— Ainda penso que as pessoas são mais importantes para Deus do que os animais, plantas e terra. Acho que isso é óbvio – argumentei.

— O que é mais importante para um carro, o volante ou o motor? – indagou.

— O Motor é mais importante, pois sem o motor não há razão para usar o volante – raciocinei.

— Mas ao menos que você tenha o motor e o volante, o carro é inútil, não é? – perguntou.

— O volante e o motor têm a mesma importância. É um

impulso humano, composto de doses iguais de arrogância e de instinto, acreditar que podemos hierarquizar tudo em nosso ambiente. Importância não é uma qualidade intrínseca do universo. Ela só existe em nossas mentes cheias de ilusão. Posso lhe assegurar que os humanos não são, de qualquer forma que seja, mais importantes que as rochas, ou os volantes, ou os motores.

# REENCARNAÇÃO, ÓVNIS E DEUS

**E**u não sabia até que ponto aceitar a opinião do velho no sentido literal. Tudo o que ele dizia tinha uma certeza lógica, mas muitas coisas que são absurdas também têm. Resolvi que era melhor escutar. O que estava acontecendo comigo, fosse o que fosse, pelo menos era diferente. Eu gostava de coisas diferentes.

Ele começou.

— Se você quiser compreender os ÓVNIS, a reencarnação e Deus, não estude os ÓVNIS, a reencarnação e Deus.

— Você está dizendo que nenhuma dessas coisas é real?

Eu estava ofendido diante da certeza dele, em vista dos milhões de relatos de testemunhas em apoio a cada uma dessas coisas.

— Não – respondeu. — Estou dizendo que os OVNIIs, a reencarnação e Deus são todos iguais, em termos de realidades.

— Você quer dizer igualmente reais ou igualmente imaginários?

— Sua pergunta revela parcialidade em relação a um mundo binário onde tudo ou é real ou imaginário. Essa distinção está em nossas percepções, não no universo. A incapacidade de ver outras possibilidades e a falta de vocabulário são limites de nossos cérebros, e não do universo.

— Tem de haver uma diferença entre coisas reais e coisas imaginárias – aponte. Minha caminhonete é real. O coelhinho da Páscoa é imaginário. Essas duas coisas são diferentes.

— Quando você está sentado aqui, sua caminhonete só existe para você na memória, um lugar de sua mente. O coelhinho da Páscoa vive no mesmo lugar. Eles são iguais.

— Sim, mas eu posso sair daqui e dirigir minha caminhonete. Eu não posso fazer um carinho no coelhinho da Páscoa.

— A chuva de hoje de manhã real?

— Claro que sim.

— Mas você não consegue ver nem tocar naquela chuva agora, consegue?

— Não

— Como o coelhinho da Páscoa, o passado só existe em sua mente – alertou. — Da mesma forma, o futuro só existe em sua mente, porque não aconteceu.

— Mas eu posso encontrar provas do passado. Posso conferir com os meteorologistas e confirmar que choveu hoje de manhã.

— E quando tiver conseguido a confirmação, ela mesma se transformará instantaneamente em passado. Assim, de fato, você estaria usando o passado, que não existe, para confirmar alguma coisa do passado. E se você repetir o processo umas mil vezes, com mil provas diferentes, todas essas coisas reunidas ainda seriam apenas impressões do passado confirmando outras impressões do passado.

— Isso não passa de ginástica mental. Você está brincando com as palavras – acusei.

— O louco acredita que seu mundo é coerente. Se acredita que o governo está tentando mata-lo, verá amplas evidências de sua convicção no chamado mundo real. Ele estará errado, mas a prova de que dispõe não é melhor nem pior do que a sua prova de que choveu hoje de manhã. Vocês dois estarão convertendo a prova do presente em impressões armazenadas em suas mentes e ambos estarão seguros de que a prova que possuem é sólida e irrefutável. Sua mente irá moldar os fatos e dar forma aos indícios até tudo se encaixar.

— Isso talvez se aplique aos loucos, mas não a pessoas normais.

— A psicologia clínica provou que pessoas comuns irão alterar as lembranças do passado para fazer com que se ajuste a

suas percepções. É assim que todo cérebro normal funciona em circunstâncias comuns.

— Eunão sabiadisso.

— Pois agorjá sabe replicou.

# A MOTIVAÇÃO DE DEUS

— Se você fosse Deus – começou ele – o que você ia querer?

- Sei lá. Mal sei o que eu quero, que dirá o que Deus quer.
- Imagine que você é onipotente. Você pode fazer qualquer coisa, criar qualquer coisa, ser qualquer coisa. Quando decide querer uma coisa, ela se torna realidade.

Esperei, sabendo que vinha mais coisa. Ele continuou:

— Faz sentido pensar em Deus como alguém que quer alguma coisa? Um Deus não tem emoções, nem medo, nem desejos, nem curiosidade, nem fome. Essas são deficiências humanas, não são coisas que se encontrariam num Deus onipotente. O que então traz motivação a Deus?

– Talvez seja o desafio, o estímulo intelectual de criar coisas – sugerir.

— A onipotência significa que nada constitui um desafio. E o que poderia estimular a mente de alguém que sabe tudo?

— Você faz a condição de Deus parecer quase tediosa. Mas acho que vai dizer que tédio é um sentimento humano.

— Tudo o que motiva as criaturas vivas está baseado em alguma debilidade ou falha. A fome motiva os animais. O tesão motiva os animais. O medo e a dor motiva os animais. Um Deus não teria nenhum desses impulsos. Os seres humanos são motivados por todas essas paixões animais, além de coisas que soam mais elevadas, como auto-realização, e criatividade, e liberdade, e amor. Mas Deus não se importa nem um pouco com essas coisas, ou caso se importasse, já teria delas quantidades ilimitadas. Nenhum seria o elemento motivador.

— Então, o que é que motiva Deus? – cobrei. — Você tem a

resposta para essa pergunta, ou está só dando um puxão na minha corrente?

— Há um só desafio que eu consigo conceber para um ser onipotente: o desafio de destruir a si mesmo.

— Você acha que Deus gostaria de cometer suicídio?

— Não estou dizendo que ele queira coisa alguma. Estou dizendo que é o único desafio.

— Acho que Deus iria preferir existir a não existir.

— Isso é pensar como um ser humano, não como um Deus. Você tem medo da morte e por isso presume que Deus compartilharia sua preferência. Mas não haveria o sofrimento da morte, nem sentimentos humanos, não são sentimentos divinos. Deus poderia simplesmente optar por descontinuar a existência.

Há um problema de lógica aí, segundo sua forma de pensar – alertei. — Se Deus conhece o futuro, já sabe que, se escolher dar um fim à sua existência, ele sabe que iria consegui-lo, então também não há desafio.

— Seu raciocínio está ficando mais claro – observou. Sim, ele conhece o futuro de sua própria existência em condições normais. Mas será que a onipotência dele inclui saber o que acontece depois que ele perder sua onipotência, ou será que o conhecimento que ele tem do futuro, terminaria neste ponto?

— Essa pergunta parece completamente irrespondível. Acho que você entrou num beco sem saída – adverti.

— Talvez. Mas pense nisso. Um Deus que conhecesse a resposta a essa pergunta de fato conheceria tudo e teria tudo. Por essa razão ficaria desmotivado para fazer qualquer coisa ou criar qualquer coisa. Não haveria qualquer propósito em agir, da forma que fosse. No entanto, um Deus que tivesse uma pergunta a atormenta-lo – o que acontece se eu parar de existir? – *poderia* sentir-se motivado a encontrar a resposta para completar seu conhecimento. E por não ter medo, nem razão para continuar a existir, ele poderia tentar isso.

— De um jeito ou de outro, como é que nós saberíamos?



— Nós temos a resposta. É a nossa existência. O fato de existirmos é a prova de que Deus está de certa forma motivado para agir. E como só o desafio da autodestruição poderia interessar a um Deus onipotente é razoável concluir que...

Interrompi o velho no meio da frase e me empertiguei na cadeira. Senti como se uma pulsação de energia me percorresse a espinha, comprimindo meus pulmões, eletrificando minha pele, levando os cabelos da minha nuca a ficarem em pleno alerta. Cheguei mais perto da lareira, incapaz de absorber seu calor.

— Você está dizendo o que eu acho que está dizendo?

Meu cérebro estava absorvendo excesso de conhecimento. Estava transbordando e eu precisei sacudir o excesso.

O velho olhou para o vazio e disse:

— Nós somos partículas de Deus.

# PARTÍCULAS DE DEUS

— Você está dizendo que Deus se explodiu em pedacinhos e que nós somos o que sobrou? – perguntei.

— Não exatamente – respondeu.

— Então, o que?

— As partículas constituem em duas coisas. Primeiro existem os menores elementos da matéria, muitos níveis abaixo da menor coisa que os cientistas identificam.

— Menores do que os quarks? não sei o que é um quark, mas acho que é pequeno.

— Todas as coisas são feitas de algumas outras. E essas outras, por sua vez, são feitas de ainda outras. Nós próximos cem anos, os cientistas vão descobrir camada após camada de elementos constituintes, cada um menor que o anterior. A cada camada serão menores as diferenças entre tipos de matéria. No nível mais baixo de todos, tudo é exatamente o mesmo. A matéria é uniforme. Esses são os pedaços de Deus.

— E qual é a segunda parte das partículas – perguntei.

— A probabilidade.

— Então você está dizendo que Deus, um ser todo poderoso com uma consciência que abrange todas as coisas, através de todos os tempos, consiste em nada além de poeira e probabilidade?

— Não subestime as coisas. A probabilidade é infinitamente poderosa. Você se lembra da primeira pergunta que lhe fiz, sobre jogar a moeda?

— Sim. Você perguntou por que uma moeda cai com cara para cima na metade das vezes em que é jogada.

— A probabilidade é onipotente e onipresente. Ela influencia instantaneamente cada moeda em qualquer tempo e lugar. Não

pode ser protegida nem alterada. Podemos ver o caráter aleatório no resultado de uma jogada de moeda individual, mas à medida que o número de jogadas aumenta, a probabilidade tem um firme controle sobre o resultado. E a probabilidade não está limitada a moedas e a dados e a máquinas caça-níqueis. A probabilidade é a força-guia de tudo no universo – vivos e não vivos, perto ou longe, grande ou pequeno, agora ou a qualquer tempo.

— Ela é a partícula de Deus – resmunguei, deixando aquela idéia ficar rolando na boca e na mente, para ver se ajudava. Era um conceito fascinante, porém estranho demais para ser abraçado na primeira impressão.

— Antes você disse que não acreditava em Deus. Agora você acredita em Deus. Qual é, afinal?

— Estou rejeitando sua definição excessivamente complicada de Deus, aquela que imagina que ele tem desejos, e necessidades, e emoções como um ser humano, ao mesmo tempo em que possui infinito poder. E estou rejeitando sua complicada noção de uma realidade fixa que o cérebro humano possa, por um extraordinário golpe de sorte, abranger.

— Você não está rejeitando a idéia de uma realidade fixa – argumentei. Você está dizendo que o universo está feito das partículas de Deus. Isso é uma realidade fixa.

— Nossa linguagem e nossas mentes são limitadas demais para lidar com qualquer coisa que não uma realidade fixa, quer isto exista ou não. O máximo que conseguimos fazer é atualizar nossas ilusões de acordo com a época. Vivemos numa sociedade cada vez mais racional e de base científica. As metáforas religiosas do passado já não são reconfortantes. De todos os lados elas estão sendo corroídas pela ciência. A humanidade precisa de uma metáfora que permita a coexistência de Deus e da ciência, pelo menos em nossas mentes, pelos próximos mil anos.

— Se seu Deus é só uma metáfora, por que eu deveria me importar com ele? Ele seria irrelevante – avaliei.

— Porque tudo que você percebe é uma metáfora de algo que

seu cérebro não está equiparado para entender plenamente. Deus é tão real quanto as roupas que você está usando e a cadeira em que está sentado. Todas são metáforas de alguma coisa que você jamais compreenderá.

— Isso é ridículo. Se tudo o que percebemos é falso é apenas uma metáfora, como conseguimos fazer alguma coisa?

— Imagine que você foi criado para acreditar que cenouras eram batatas, e que batatas eram cenouras. E imagine que vive num mundo onde todos, menos você, sabem a verdade sobre esses alimentos. Quando você pensasse que estava comendo uma batata, estava comendo uma cenoura e vice-versa. Supondo que você tivesse uma dieta, em geral equilibrada, sua ilusão sobre as cenouras não teria nenhum impacto real sobre a sua vida, a não ser pela constante alteração com os demais sobre a verdadeira natureza das cenouras e das batatas. Agora, imagine que todos estivessem equivocados, e que tanto cenouras quanto batatas fossem alimentos totalmente diferentes. Digamos que elas fossem, de fato, maçãs e beterrabas. Isso teria importância?

— Agora eu fiquei perdido. Então Deus é uma batata? – perguntei.

— Quer entenda ou não a verdadeira natureza de seu alimento, você ainda precisa comer. E, no meu exemplo, pouca diferença faz se você não consegue distinguir uma cenoura ou uma batata. Nós só podemos agir com base em nossas percepções, não importa quão imperfeitas. O máximo que podemos fazer é periodicamente ajustar nossas percepções – nossas ilusões, se preferir – para torná-las mais coerentes com nossa lógica e o senso comum.

# A CONSIÊNCIA DE DEUS

— **O** que é que faz as coisas fazerem o que fazem? – ele perguntou. — O que faz os cachorros latirem, os gatos ronronarem, as plantas crescerem?

— Antes do dia de hoje eu teria dito que é a evolução que leva tudo a fazer o que faz. Agora, não sei o que pensar.

— A evolução não é causa de coisa alguma; é uma observação, uma forma de colocar as coisas em categorias. A evolução não diz nada sobre causas.

— Para mim a evolução parece uma causa – argumentei. — Se não fosse a evolução eu seria uma criatura unicelular no fundo de algum pântano.

— Mas o que faz a evolução acontecer? – indagou ele. — De onde vem toda a energia e como é que ela se torna tão organizada?

Era uma boa pergunta.

— Eu sempre me perguntei como alguma coisa como a zebra é criada por um punhado de moléculas a ricochetear pelo universo. A mim parece que, com o tempo, o universo se tornaria mais caótico e aleatório, em vez de organizado o bastante para criar zebras e o trem-bala aéreo e biscoitos com pedacinhos de chocolate. Ou seja, se você colocar uma banana numa caixa e a sacudir por um trilhão de anos, será que os átomos algum dia se reunirão para formar um televisor ou um esquilo? Até imagino que seja possível, caso você possa dispor de caixas e bananas em quantidade suficiente, mas eu acho muito difícil de entender.

— Você acha difícil entender que um embrião humano só pode evoluir para um adulto humano e nunca para uma macieira ou um pombo? – indagou.

— Isso eu entendo. Os seres humanos têm DNA diferentes dos das macieiras ou dos pombos. Mas, em meu exemplo da

banana na caixa, não há nenhum esquema que informe às moléculas o jeito de se tornarem outra coisa. Se as partículas da banana conseguirem se aglutinar e se transformar numa lanterna ou num gorro de peles, será um espantoso caso de sorte, não será uma coisa planejada.

— Então você acredita que o DNA é fundamentalmente diferente da sorte?

— Eles são opostos – declarei. O DNA é como um plano específico. A probabilidade significa que qualquer coisa pode acontecer.

O velho olhou para mim daquele jeito que dizia quem breve eu estaria duvidando do que tinha tido. Ele não me decepcionou. Como sempre, começou com uma pergunta.

— Se o universo fosse começar de novo do zero, e se acontecessem de novo todas as condições que criaram a vida, será que a vida surgiria?

— É claro – respondi, sentindo-me novamente confiante.  
— Se todas as coisas ocasionaram a vida na primeira vez acontecessem novamente, o resultado deveria ser o mesmo. Não sei onde você está querendo chegar.

— Vamos rebobinar nosso universo imaginário voltando quinze bilhões de anos, para o ponto anterior ao aparecimento da vida. Se a origem daquele universo fosse idêntica à do nosso, será que ele iria evoluir no sentido de se tornar exatamente como o universo e o mundo onde vivemos agora, inclusive com esse diálogo?

— Acho que sim. Se ele começa exatamente igual e nada muda ao longo do caminho, deverá acabar exatamente igual.

Minha confiança estava evaporando de novo.

— É isso mesmo. Nossa existência foi programada no universo desde o começo, garantida pelo poder da probabilidade. O tempo e o lugar de nossa existência eram flexíveis, mas o resultado estava garantido, porque mais cedo ou mais tarde a vida aconteceria. Estaríamos sentados nestas cadeiras de balanço, ou em

cadeiras exatamente como estas, tendo esta conversa. Você acredita que o DNA e a probabilidade são opostos, mas ambos fazem coisas específicas acontecerem. O DNA funciona sob um cronograma mais rígido, mas a longo prazo, o longo prazo extremo, a probabilidade é igualmente fixada e certa quanto a seus resultados. A probabilidade força as moedas, a certa altura, a darem cara ou coroa na exata proporção de meio a meio, desde que você fique jogando para sempre. Da mesma forma, a probabilidade nos forçou a existir exatamente como somos. Só estive em jogo o momento oportuno.

— Preciso pensar nisto. Parece lógico, mas é esquisito — admiti.

— Pense nisso — continuou. — Enquanto estamos conversando aqui, os engenheiros estão construindo a Internet para ligar cada parte do mundo, de um jeito muito parecido com o do feto que desenvolve um sistema nervoso central. Virtualmente ninguém questiona o quanto a Internet é desejável. É como se os seres humanos tivessem nascido com o instinto de criá-la e abraçá-la. O instinto dos castores é construir represas; o instinto dos seres humanos é construir sistemas de comunicação.

— Não acho que seja instinto que nos leva a construir a Internet. Acho que estão tentando ganhar dinheiro com ela. É puro capitalismo — repliquei.

— O capitalismo é só uma parte disso — contrapôs. — Nos anos de 1990, os investidores jogaram dinheiro em cima de qualquer empresa de Internet que pediu e a economia foi para o espaço. A racionalidade não pode explicar nossa obsessão na Internet. A necessidade de construir a Internet vem de alguma coisa dentro de nós, alguma coisa programada, à qual não conseguimos resistir.

Ele tinha razão quanto ao fato de a Internet ser um tanto irracional. Eu não ia ganhar a discussão, nem era este o momento de interromper. Ele tinha muito mais a dizer.

— A humanidade está desenvolvendo uma espécie de visão

global, agora que milhões de câmeras de vídeo em satélites, terminais de computador e esquinas de rua estão conectadas à Internet. Em seu tempo de vida, vai ser possível, de qualquer computador, ver praticamente tudo no planeta. E a inteligência da sociedade está passando por uma fusão pela Internet, criando, de fato, um ambiente global que pode fazer infinitamente mais do que poderia qualquer mente individual. Por fim, tudo o que for conhecido por uma pessoa estará à disposição das demais. Uma decisão poderá ser tomada pela mente coletiva da humanidade e instantaneamente comunicada ao corpo da sociedade.

No futuro distante, oshumano aprenderão a controlar o tempo, a manipular o DNA e a construir um mundo inteiramente novo a partir da matéria bruta. Não há um limite lógico para o quanto crescerá nosso poder coletivo. Daqui a um bilhão de anos, se o visitante de outra dimensão observar a humanidade, talvez perceba que ela é uma única e imensa entidade, com uma consciência e um objetivo, e não uma coleção de indivíduos relativamente desinteressantes.

— Você está dizendo que estamos evoluindo para condição de Deus?

— Estou dizendo que somos os elementos constituintes de Deus, nos estágios iniciais de remontagem.

— Acho que se eu fosse parte de um ser onipotente, eu iria saber – objetei.

— Iria mesmo? As células da sua pele estão conscientes de que fazem parte de um ser humano. As células da pele não estão equipadas para esse conhecimento. Estão equipadas para fazer o que fazem, e nada mais. Da mesma forma, se nós seres humanos, e todas as plantas e animais, e o solo, e as rochas, fôssemos os componentes de Deus, você teria capacidade de sabê-lo?

— Logo, você está dizendo que Deus explodiu em pedaços, imagino que seja o Big-Bang, e que agora ele está reunindo os seus pedaços para se recompor? – perguntei.

— Ele está descobrindo a resposta para a única dúvida que



tem.

— Deus ainda tem consciência? Ele sabe que está remontando a si próprio?

— Ele sabe. Do contrario, nem você poderia ter feito a pergunta, nem eu poderia ter respondido.

# A FÍSICA DA POEIRA DIVINA

— Se o universo não é nada além de poeira e probabilidade, como é que acontecem as coisas? – perguntei. — Como você explica a gravidade e o movimento? Por que razão tudo fica exatamente do jeito que está?

— Posso dar resposta a essa pergunta respondendo a outras perguntas – sugeri.

— Tudo bem? O que é melhor.

— A ciência se baseia em pressupostos. O cientista supõe que amanhã a eletricidade se comportará da mesma forma como se comportou hoje. Ele supõe que as leis da física aplicáveis na terra se aplicarão em outros planetas. Normalmente, as suposições estão corretas, ou suficientemente próximas para serem úteis.

Mas, às vezes, as suposições nos levam na direção errada. Por exemplo, supomos que o tempo é contínuo – o que quer dizer que entre dois movimentos quaisquer do tempo, independentemente da brevidade deles, há mais tempo. Se isso é verdade, então um minuto iria durar para sempre, por conter um número infinito de fatias menores do tempo, e a infinidade significa que são inesgotáveis.

— Este é um velho sofisma de que me falei na escola – declarei. — Acho que é chamado de paradoxo de Zeno, por causa de um antigo grego que foi o primeiro a pensar nisso.

— E qual é a solução? – perguntou.

— A solução é que cada uma das infinitas fatias de tempo é infinitamente pequena, e assim, em termos de matemática, a coisa funciona. Você pode ter um tempo contínuo, sem que um minuto dure uma eternidade.

— Sim, em termos matemáticos realmente funciona. E como os minutos não parecem durar eternamente, supomos que o

paradoxo não seja, absoluta e realmente, um paradoxo. Infelizmente, a solução está errada. A infinidade é uma ferramenta útil para a matemática, mas não passa de um conceito. Não é uma característica de nossa realidade física.

— Eu achava que o universo fosse infinitamente grande — respondi.

— A maioria dos cientistas concorda que o universo é grande, mas é finito.

— Isso não faz sentido. E se eu pegasse uma espaçonave até os confins do universo e depois continuasse viajando? Eu não podia continuar para sempre? Onde eu estaria, senão no universo?

— Por definição, você é sempre uma parte do universo. Logo, quando sua nave ultrapassar o limite atual, este se moverá juntamente com você. Você se torna a borda externa naquela direção. Mas ainda assim o universo é de um tamanho específico, não é infinito.

— Tudo bem, o universo em si pode ser finito, mas tudo o que há em torno dele, o nada, isso é infinito, não é? — perguntei.

— Dizer que temos um suprimento infinito de nada não é lógico.

— Está certo, acho que não tem. Mas voltando ao assunto — acrescentei — como é que você explica o paradoxo de Zeno?

— Imagine que toda a vida desapareça e depois reapareça. Quanto tempo transcorre enquanto tudo está desaparecido?

— Como vou saber? É você quem está dando o exemplo. Quanto tempo?

— Não passa tempo nenhum. Não pode passar, pois o tempo é um conceito humano de como as coisas mudam em comparação com outras coisas. Se tudo no universo desaparecer, não fica nada para mudar em comparação com outras coisas; logo, não há tempo.

— E que tal tudo desaparecer, menos eu e meu relógio? — contrapi.

— Então você iria vivenciar a passagem de tempo em relação a si mesmo e a seu relógio. E quando o resto do universo

ressurgisse, você poderia conferir quanto tempo havia passado, segundo seu relógio. Mas as pessoas do resto do universo não teriam vivenciado tempo algum enquanto estavam desaparecidas. Para elas, você envelheceu instantaneamente. O tempo delas e o seu não eram o mesmo, porque você vivenciou a mudança, e elas não. Um relógio universal não existe; e o tempo é diferente para cada observador.

— Tudo bem, acho que entendi isso. Mas como é que qualquer dessas coisas vai responder a minha pergunta original sobre a gravidade e sobre o que faz as coisas se moverem?

— Você já viu alguma um gráfico de uma coisa chamada distribuição probabilística? – indagou.

— Sim, tem um monte de pontos. Os lugares com maior concentração de pontos são aqueles onde existe a maior probabilidade – respondi, encantado por me lembrar de alguma coisa das minhas aulas de estatística.

— O universo lembra um gráfico de probabilidades. As maiores concentrações de pontos são as galáxias e os planetas, onde a força da gravidade parece mais forte. Mas a gravidade não é uma força de atração. Ela é o resultado da probabilidade.

— Agora eu fiquei perdido.

— A realidade tem um pulso, um ritmo, na falta de termo mais adequado. A poeira divina desaparece num pulso e reaparece no próximo, numa nova posição baseada na probabilidade. Se uma partícula de poeira de Deus desaparecer nas vizinhanças de uma grande massa, digamos um planeta, então a probabilidade irá fazer com que ela retorne à existência mais perto do planeta, no próximo pulso. A probabilidade fica mais alta quando você se aproxima de objetos maciços. Ou, para dizer de outra forma, a massa é a expressão física da probabilidade.

— Acho que isso eu entendo, até certo ponto – menti.

— Se você observasse a poeira de Deus situada nas proximidades da Terra, ela daria a impressão de estar sendo sugada em direção ao planeta. Mas não há movimento através do espaço,

no sentido que nós o entendemos. A poeira está continuamente desaparecendo em um lugar e reaparecendo em outro, chegando mais perto da Terra a cada nova localização.

— Prefiro a teoria atual da gravidade – declarei. — Newton e Einstein tinham isso muito bem equacionado. Com as teorias deles, a matemática funciona. Com as suas não tenho certeza.

— As fórmulas normais da gravidade funcionam muito bem com a minha descrição da realidade – replicou. — Eu só fiz acrescentar um outro nível de compreensão. Newton e Einstein nos deram as fórmulas da gravidade, mas nenhum deles respondeu à pergunta sobre por que os objetos parecem se atrair entre si.

— Einstein explicou isso – afirmei. — Você lembra de que falamos disso? Ele afirmou que o espaço era curvado pela matéria, e daí o que parece gravidade nada mais é que os objetos seguindo a rota do espaço curvo.

O velho limitou-se a olhar para mim.

— Está certo. Admito que não sei o que nada disso significa. Parece um disparate.

— A linguagem de Einstein sobre o espaço curvo e minha descrição da poeira de Deus são apenas modelos mentais. Se nos ajudam a lidar com nosso ambiente, são úteis. Minha descrição da gravidade é mais fácil de entender do que o modelo de Einstein. Nesse sentido, o meu modelo é melhor.

Dei uma risadinha. Nunca tinha ouvido alguém se comparar com Einstein. Fiquei impressionado com a audácia dele, porém não me convenceu.

— Você não explicou as órbitas. Segundo sua teoria como é que uma lua poderia fazer a órbita de um planeta e não ser sugada para cima dele? Sua poeira divina iria voltar a vida cada vez mais perto do planeta, a cada vez que surgisse, até se despedaçar contra a superfície.

— Você está pronto para a segunda lei da gravidade.

— Acho que estou.

— Existe um outro fator que influencia a posição da matéria,

quando ela surge de volta à vida. Tal força é, por faltar termo melhor, a inércia. Embora a poeira divina seja inimaginavelmente pequena, ela tem certa probabilidade de recobrar a existência exatamente no ponto onde existe uma outra partícula de poeira divina. Quando isso acontece, uma das partículas precisa encontrar um novo lugar e alterar sua probabilidade. Para o observador, se ocorrências tão ínfimas pudessem ser vistas por alguém, iria parecer que as partículas colidem e daí mudam de direção e velocidade. A nova velocidade é determinada pela distância, com referência ao ponto de origem, em que surge a poeira divina, a cada pulso do universo. Se cada novo local está distante do local anterior, percebemos o objeto como em movimento acelerado.

E prosseguiu:

— Daí existe sempre uma dupla probabilidade a influenciar cada partícula da poeira divina. Uma probabilidade faz com que todo grão de poeira divina volte à existência mais perto de outro grão. A outra probabilidade é a de o grão de poeira reaparecer seguindo uma linha reta traçada a partir de seu passado. Todo o aparente movimento do universo se baseia nessas probabilidades concorrentes.

A lua da Terra por exemplo, tem uma certa probabilidade de avançar em direção à terra e uma certa probabilidade de se mover em linha reta. As duas probabilidades estão, por acaso, em equilíbrio. Se a gravidade fosse uma força de atração, como nós geralmente pensamos que é, haveria alguma espécie de atrito, reduzindo a velocidade da lua e por fim arrastando-a para a Terra. Mas como a gravidade não é uma probabilidade, não há atração nem repulsão. A lua pode descrever órbitas quase indefinidamente, já que sua posição está determinada pela probabilidade, e não pela atração ou repulsão.

— E se toda a poeira que compõe a lua não reaparecer nas proximidades de sua posição anterior? — insisti. — Você afirmou que o ponto onde a poeira reaparece é uma questão de probabilidade; assim, será que a lua, se toda a poeira dela

desaparecesse e voltasse a aparecer do outro lado do sistema solar, não poderia desaparecer subitamente?

— Sim, poderia. Mas a probabilidade dessa ocorrência é ridiculamente baixa.

— O problema em sua teoria — comentei — é que a matéria não aparece e desaparece da existência. A essa altura, os cientistas já teriam reparado.

— De fato, eles repararam. A matéria aparece e desaparece da existência o tempo todo. É isso que é um salto quântico. Você provavelmente já ouviu falar o termo, mas não sabia a origem.

— Estou ferrado! — exclamei.

# O LIVRE-ARBÍTRIO DE UM CENTAVO

— **E**xpliquei o livre-arbítrio – pedi.

— Imagine um centavo de cobre que seja exatamente como um centavo comum, só que, para efeito dessa discussão, ele tem consciência. Ele sabe que é uma moeda e sabe que as vezes você o jogará para cima. E sabe que não há força externa que determine se numa jogada específica vai dar cara ou coroa.

Se a consciência do centavo fosse como a consciência humana, ele iria analisar a situação e concluir que tinha livre-arbítrio. Quando ele quisesse dar cara, e o resultado fosse cara, o centavo confirmaria sua crença no próprio poder de escolha. Quando desse coroa, em vez de cara, ele iria culpar sua própria falta de empenho, ou presumir que Deus tivera aí alguma influência.

A moeda imaginariaacreditaria que ascoisas simplesmente não “acontecem” sem uma causa. Se nenhum fator externo controlasse o resultado dos lances, um centavo dotado de bom senso presumiria que o controle partiria de sua própria vontade, talvez, supondo-se que fosse um centavo religioso, influenciado pela vontade divina.

A crença do centavono próprio papel seriaerrada, mas sua crença no papel divino seria certa. A probabilidade, a essência do poder de Deus, determina que o centavo deva, às vezes dar coroa, quando o centavo escolher dar cara.

— Mas as pessoas não são centavos – assinalei.— Nós temos cérebros. E quando nossos cérebros fazem escolhas, mexemos os braços e as pernas e a boca para fazer as coisas acontecerem. O



centavo não tem um jeito de transformar suas escolhas em realidades, mas nós temos.

— Nós achamos que temos – respondeu ovelho. Mas nós também acreditamos no princípio científico de qualquer causa específica, não importa a complexidade, deve ter um efeito específico. Portanto, acreditamos em duas realidades que não podem, ambas, ser verdadeiras. Se uma for verdadeira, a outra deverá ser falsa.

— Não estou conseguindo acompanhar seu raciocínio – confessei.

— O cérebro é fundamentalmente uma máquina. É uma máquina orgânica dotada de propriedades químicas e elétricas. Quando um sinal elétrico é formado, ele só pode fazer com que aconteça uma coisa específica. Ele não consegue escolher às vezes fazer você pensar numa vaca, e outras vezes fazer você se apaixonar. Aquele impulso elétrico específico, num ponto específico de seu cérebro, só pode ter um, e somente um. Resultado em suas ações.

— Nós já discutimos isso. Talvez o cérebro esteja isento das regras normais por causa do livre-arbítrio, ou a alma. Sei que não consigo definir essas coisas, mas não se pode excluí-las.

— Nada na vida pode ser excluído. Mas a analogia do centavo é uma explicação simples do livre-arbítrio, com lógica e sem conceitos indefinidos.

— Ser simples não quer dizer que seja correta – assinalei.

Eu precisava, em meu próprio interesse, dizer alguma coisa que parecesse criteriosa.

— Exato, a simplicidade não é uma provada verdade. Mas como nós jamais conseguimos entender a verdadeira realidade, se dois modelos explicam os mesmos fatos, é mais racional usar o mais simples. É uma questão de conveniência.

# EVOLUÇÃO

— Vamos voltar à evolução – propus. — Com toda essa conversa de Deus, você acha que ele causou a evolução? Ou será que tudo aconteceu em alguns milhares de anos, Omo acreditavam os criacionistas?

— A teoria da evolução, mais que errada, é incompleta e inútil.

— Como pode afirmar que é inútil?

— A teoria da evolução não conduz a nenhuma invenção prática. É um conceito que não tem aplicação.

— Está certo, estou ouvindo o que diz – assentei.— Mas você tem que convir que as provas fósseis de espécies anteriores são extremamente convincentes. Existe uma evidente transformação das criaturas mais antigas, em comparação com as novas, ao longo do tempo. Como pode ignorar isso?

— Imagine que um asteroide caísse no planeta Terra, trazendo uma bactéria exótica, que matasse toda a matéria orgânica da terra e depois, se dissolvesse sem deixar vestígio. Um milhão de anos depois, alienígenas inteligentes descubrem a Terra e estudam nossas ossadas e pertences, tentando recompor os fragmentos de nossa história. Eles poderiam notar que todos os utensílios culinários usados por nós – panelas, caçarolas, travessas e tigelas – pareciam relacionados de certa forma. E que os mais antigos eram bastante diferentes dos mais novos. Os mais antigos dentre eles eram tigelas toscas, todas um tanto parecidas entre si, geralmente feitas de argila ou de pedra. Ao longo do tempo, as tigelas evoluíram para travessas e xícaras de café e frigideiras inoxidáveis.

Os alienígenas criariam gráficos irrecusáveis, mostrando como pratos evoluíram. A família da xícara de chá seria parecida com sua própria espécie, e parente próxima do canecão de cerveja

e do copo de água. Um observador que estudasse os gráficos veria claramente um padrão que podia ser coincidência. A causa dessa evolução das louças seria debatida, exatamente como nós discutimos a causa subjacente da evolução humana, mas o fato observado da evolução das louças não seria questionado pelos cientistas alienígenas. Os fatos seriam quadros. Alguns cientistas ficariam perturbados com a falta de espécies intermediárias de louças – digamos, uma frigideira com alça de caneca de chope – mas só poderiam supor que ela existisse, À espera de ser descoberta, em algum lugar.

— Essa deve ser a pior analogia que já se fez – declarei.  
— Você está comparando gente com louça.

O velho riu sonoramente pela primeira vez desde que começamos a conversar. Estava genuinamente deleitado.

— Não se trata de analogia – disse ele, com os olhos brilhando. É um ponto de vista. a evolução é atraente não por causa da qualidade das provas, mas sim em razão da quantidade e da variedade delas. Os alienígenas enfrentariam o mesmo dilema. Haveria tantas provas para sua teoria da evolução das louças que os opositores seriam ridicularizados. Os cientistas alienígenas iriam teorizar que garfos evoluíram das colheres, que evoluíram das facas. As panelas evoluíram das tigelas. As travessas evoluíram das tabuas de corte. A mera quantidade e a variedade dos dados seriam avassaladoras. A certa altura eles parariam de chamá-la de teoria, e passariam a considerá-la um fato. Só um louco seria capaz de duvidar publicamente da montanha de provas.

— Há uma grande diferença entre pratos e animais – afirmei.  
— No caso dos pratos, não há jeito de eles poderem evoluir. A lógica diria aos alienígenas que não havia modo de um prato inanimado produzir descendência, e menos ainda uma descendência mutante.

— Isso não é exatamente verdadeiro – contestou.— Alguém poderia dizer que os pratos usaram os seres humanos numa relação simbiótica, convencendo-nos, por meio da utilidade deles, a fazer

novos pratos. Dessa forma os pratos conseguiram reproduzir-se e evoluir. Cada espécie tira partido de outras coisas vivas para assegurar a própria sobrevivência. Esta é a maneira normal como se reproduzem as coisas vivas.

Você acredita, sem estar fundamentado, que os cientistas alienígenas iriam ver uma distinção entre as criaturas vivas e os pratos não vivos, e classificar os pratos como meras ferramentas. Mas esta é uma visão antropocêntrica do mundo. Por serem orgânicos, os seres humanos acreditam que as coisas orgânicas são mais importantes que as inorgânicas. Os alienígenas não seriam tão parciais. Para eles, os pratos pareceriam uma espécie resistente, que apesar de não ter partes orgânicas encontrou uma maneira de evoluir, se reproduzir, e prosperar.

— Mas os pratos não têm personalidade, nem pensamento nem emoções nem desejos – lembrei.

— Uma ostra também não tem.

— Então por que razão alguém diz que está “feliz como uma ostra”? – graciei.

Ele me ignorou.

— Você não estranha não haver hoje maior volume de provas das mutações que impulsionam a evolução? – perguntou.

— Com o quê?

— Não deveríamos estar vendo nas criaturas vivas de hoje a previa dos próximos milhões de anos de evolução? Onde estão os homens de duas cabeças que suplantaram os de uma cabeça, os peixes com órgãos não identificados que evoluirão para algo de útil nos próximos milhões de anos, os gatos que estão criando guelas? Encontramos alguns indícios de mutação hoje em dia, mas são na maioria mutações triviais, e não daquele tipo radical que deve ter havido no passado, o tipo radical que deve ter havido no passado, o tipo que se torna precursor de cérebros, olhos, asas e órgãos internos.

E por que a evolução parece se mover numa direção, da mais simples para a mais complexa? Por que não existem formas de vida

superiores evoluindo para criaturas mais simples e mais resistentes? Se as mutações ocorrem aleatoriamente, seria de esperar que a evolução operasse nos dois sentidos. Mas ela só funciona em um, do simples para o complexo.

Ele continuou:

— E por queo numero de espécies da terra declinou durante os últimos milhões de anos? O ritmo da formação de novas espécies foi outrora muito mais rápido que o ritmo da extinção, mas isso se inverteu. Por quê? Isso tudo poderá ser explicado por meteoros e intervenção humana?

E como o primeiro membro de uma espécie encontra alguém para se acasalar? Se uma espécie significa que você já não pode mais procriar com os membros da espécie de seus pais. Se as mutações são o gatilho da evolução, as mutações devem acontecer regularmente e de forma tão parecida que permita aos mutantes se achar uns aos outros para procriar. É de se esperar que notássemos mais mutações, se isso acontecesse com tanta facilidade.

— Este é o mesmo problema que eu vejo na religião — comentei. — É como se há muito tempo acontecessem milagres de todo tipo, mas atualmente nunca se vê um milagre. No caso da evolução, parece que a maior parte das mutações está desaparecendo, exatamente quando estamos ficando suficientemente aptos a estudá-los. Parece um pouco suspeito, como se houvesse um sentido para tudo isso e nós estivéssemos nos aproximando dele.

— Volte para a moeda um momentinho — convidou. — Se por acaso você jogar para cima uma moeda balanceada, e ela der cara cem vezes seguidas, que probabilidade há de, no próximo lance, ela dar cara novamente?

— Essa eu conheço. A probabilidade é de cinquenta por cento, mesmo parecendo que a moeda está em dívida com a coroa. Para mim isso não tem lógica, mas foi o que aprendi na escola.

— Está certo — confirmou. — Ou, para dizer de outra forma, o passado da moeda não tem impacto sobre o futuro dela. Não há

ligação entre os resultados das jogadas anteriores e as possibilidades de jogadas futuras.

O restante do universo é como a moeda. Os acontecimentos do passado parecem a causa do presente, mas cada vez que nós voltamos à existência estamos sujeitos a um novo conjunto de probabilidades. Literalmente qualquer coisa pode acontecer.

Ele se mexeu na cadeira e começou de novo:

— Cada criatura tem uma probabilidade mínima de se tornar uma espécie diferente a cada pulso do universo. Um pato pode ser integralmente substituído por um pica-pau. A probabilidade de que isso aconteça é tão baixa que provavelmente nunca aconteceu nem acontecerá, mas não está excluída pela natureza do universo. É simplesmente improvável.

Um resultado mais provável é de que o DNA de uma criatura sofra uma mínima variação, porque dois grãos de poeira divina tentaram reaparecer no mesmo local e tiveram de fazer um ajuste. Aquele ajuste deu início a uma reação em cadeia nas probabilidades, que afetou o destino da criatura.

Quando você joga uma moeda para cima, quase sempre dá cara ou coroa, embora ela pudesse, presumivelmente, cair em pé. Não fosse a experiência que temos em jogar moedas, poderíamos pensar que as moedas regularmente caem em pé e ficam assim. E a borda da moeda deve ser uns dez por cento da superfície de qualquer uma das faces, portanto, seria de esperar que as moedas rotineiramente dessem “bordas”.

Mas a probabilidade evita condições intermediárias. Ela favorece o cara-ou-coroa. A evolução também evita condições intermediárias. Alguma coisa na natureza da poeira divina tornou provável o crescimento de dois olhos, e improvável o crescimento de duas cabeças. Para ser mais exato, há alguma coisa a respeito de olhos que apóia a inevitável remontagem de Deus.

# A DOENÇA DOS CÉTICOS

— Tenho uns amigos que são céticos – comentei. — Fazem parte daquela Sociedade dos Céticos. Acho que eles iam desanciar você.

— Os céticos – declarou – sofrem do mal dos céticos, que é o problema de terem razão com demasiada frequência.

— Como é que isso pode ser negativo? – indaguei.

— Se por cem vezes seguida ficar provado que você tem razão, não haverá prova capaz de convencê-lo de estar equivocado no centésimo primeiro caso. Você ficará seduzido por sua própria infalibilidade aparente. Lembre-se de que todas as experiências científicas são realizadas por seres humanos e os resultados estão sujeitos à interpretação humana. A mente humana é um gerador de ilusões, não uma janela para a verdade. Todo mundo vai gerar ilusões que combinem com seus próprios pontos de vista, inclusive os céticos. É assim que funciona o cérebro normal e saudável. Os céticos não estão imunes à auto-ilusão.

— Os céticos sabem que as percepções humanas são falhas – argumentei. — É por isso que têm um processo científico e insistem em repetir experiências, para ver se os resultados são consistentes. O método científico deles elimina virtualmente a subjetividade.

— A abordagem científica também faz as pessoas pensarem e agirem em grupos – contrapôs. — Elas formam sociedades de céticos e criam publicações céticas. Elas respiram os vapores umas das outras e demonizam aqueles que não compartilham seus métodos científicos. Como as convicções dos céticos entram em choque com a maioria do mundo, eles se tornam emocionalmente e intelectualmente isolados. Esse tipo de ambiente é a receita certa para o pensamento e o comportamento sectários. Os céticos não

estão isentos das funções cerebrais do ser humano normal. Transformar-se naquilo que você combate é uma tendência humana. Os céticos atacam os pensadores irracionais e, no processo, tornam-se irracionais.



# PARANORMALIDADE E SORTE

— Você acredita em paranormalidade? – perguntei.

— Depende de como você define – respondeu.— Os céticos tentam fazê-la desaparecer, por meio de uma definição tão estreita que não poder ser demonstrada em experiências controladas. Os crentes sustentam uma visão mais expansiva dela, focalizada em sua utilidade na vida diária.

— Então, você é um crente? – cutuquei.

A expressão dele dizia não.

— Há bilhões de pessoas na terra. Algumas delas levarão, do dia em que nasceram ao dia em que morrem, uma vida miserável. Outras terão, em todas as facetas de suas vidas, uma fortuna incrivelmente generosa. Nascerão de pais amorosos em lares abastados. Seus cérebros e corpos serão eficientes, saudáveis e altamente capazes. Elas viverão o amor. Elas nunca serão tímidas nem sentirão medo sem motivo. Algumas podem ganhar loterias. Em resumo, terão sorte a vida inteira, se comparadas a outras pessoas.

A sorte se conforma às curvas normais de probabilidade. A maioria das pessoas terá uma sorte mediana e algumas pessoas experimentarão doses reforçadas de sorte ou azar. Um punhado de gente terá uma sorte tão extraordinária que será impossível distingui-la da magia. As regras da probabilidade garantem a existência de gente assim.

Ele continuou:

— E em algumas pessoas a sorte será compartilhada, confinada a áreas específicas de suas vidas. Alguns serão jogadores extraordinariamente sortudos e outros terão uma surpreendente

sorte nos negócios ou nos romances.

Agora imagine que você encontra aquela pessoa no planeta cujo tipo específico de sorte envolve a extraordinária capacidade de adivinhar coisas aleatórias. É muito provável que exista uma pessoa assim em algum lugar da Terra. O que você acha que os céticos concluem sobre a percepção extra-sensorial desse indivíduo?

— Se eles o testassem com experiências controladas concluiriam que ele tinha percepção extra-sensorial – respondi.

— Você se engana. Eles concluiriam que os testes deles não foram adequadamente controlados e que era preciso fazer mais estudos. Diriam que as alegações extraordinárias exigem provas extraordinárias. E continuariam a testar, até obter um resultado negativo ou perder o interesse. Nenhum cético se atreveria a declarar alguém como dotado de percepção extra-sensorial, caso houvesse o menor risco de ser provado posteriormente que estava errado. A seita deles não promove esse tipo de risco.

Para sermos justos, a julgar pelos indícios, os céticos nunca estiveram errados ao desmascarar alegados poderes extraordinários. Eles acreditam que seus métodos são confiáveis porque, com exceção de equívocos em testes individuais, os métodos deles, até onde se sabe, jamais fornecem um resultado errado a longo prazo. Mas o fato de não estarem errados não é prova de que o método de teste seja adequado a todos os casos.

— Então você acha que sorte é o mesmo que percepção extra-sensorial? – indaguei.

— Estou dizendo que os resultados são impossíveis de distinguir.

— Mas é diferente porque a paranormalidade é causada por pensamentos viajando pelo ar, ou qualquer coisa parecida. Ela precisa ter alguma causa.

— Se você define a paranormalidade estreitamente, para só incluir a transferência de informação pelo ar, então os céticos jamais irão detectá-la – argumentou. — Mas se você aceitar a sorte

como sendo idêntica a paranormalidade, então esta existe e pode ser útil, embora não tão confiável assim, já que a sorte mudar de um instante para outro.

— Acho que os cientistas provaram que os pensamentos não viajam através do ar porque não podem detectar nada vindo da mente das pessoas quando estas se concentram – disse eu, tentando concordar. Devia ter sabido que era perda de tempo.

— Mas seus pensamentos realmente viajam através do espaço – contestou. — A questão é saber se outra pessoa é capaz de decodificar a informação.

— Como é que os pensamentos viajam através do espaço?

— Quando alguma coisa física se move, exerce um impacto gravitacional sobre todos os outros objetos do universo, de forma instantânea e através de qualquer distância. O impacto é fantasticamente pequeno, mas é real. Quando você tem um pensamento, ele está associado a uma mudança física em sua mente, específica daquele pensamento, e que produz um efeito gravitacional ondulatório e instantâneo através do universo inteiro. Será que as pessoas conseguem decodificar esses sinais fantasticamente fracos, no meio de uma quantidade imensa de outros ruídos gravitacionais? Não. Mas os sinais estão presentes.

# PARANORMALIDADE E RECONHECIMENTO DE PADRÕES

— **E**a visão remota? – perguntei. — Você já ouviu falar. É quando um paranormal traça o retrato de um lugar distante sem ir até lá. Como é feito isso? Também é sorte?

— Às vezes é. Mas em grande parte também é reconhecimento de padrões.

— Como? Se você está sentado numa sala em algum ponto do mundo e o objeto está em outro lugar, não há nenhum padrão.

— Cada um tem uma capacidade diferente de reconhecer padrões em seu ambiente – ensinou ele. — Trata-se de uma habilidade, como a música, e a matemática, e os esportes. Os raros gênios que encontramos em cada um desses campos parecem definitivamente sobrenaturais. É como se possuíssem poderes especiais. Em certo sentido, possuem, mas seria exato descrever a capacidade deles como uma abundância de um talento natural, e não como sobrenatural.

Vejamos, por exemplo, um típico gênio da matemática. Frequentemente tais indivíduos declaram que ficam sabendo as soluções dos problemas sem que estejam conscientes de terem feito algum cálculo. Os maiores gênios de cada setor relatam a mesma experiência. Nos níveis mais altos de desempenho, as pessoas não estão conscientes dos processos que empregam.

Na atuação dos gênios, só não há nada de misterioso nem de mágico porque eles não estão conscientes do modo como fazem o que fazem. Os cálculos subconscientes de suas mentes acontecem tão depressa que eles não os registram como lembranças. É como se

as respostas simplesmente fossem chegando.

Alguns médiuns aparentes, os que não são embusteiros internacionais, são gênios do reconhecimento de padrões, mas sem estar necessariamente conscientes da fonte de suas habilidades. Tal qual o gênio da matemática, os chamados paranormais não sabem como o fazem. Só sabem que funciona.

— Tudo bem —disse eu, aceitando momentaneamente a explicação dele para poder testá-la. — Como é que o reconhecimento de padrões explica um paranormal que prevê onde será encontrado o corpo de uma pessoa assassinada? Onde está o padrão?

— A maioria das reportagens sobre que localizam corpos é falsa. Os repórteres normalmente obtêm informação conversando com pessoas e escrevendo o que eles dizem, mas as histórias só são confiáveis na medida em que os entrevistados são confiáveis. Os paranormais podem fazer previsões vagas e depois exigir o crédito por tudo o que se aproximou do acerto. Os meios de comunicação contam a história dos sucessos fascinantes e ignoram os fracassos, como se não merecessem cobertura. O público fica com a impressão de que os paranormais conseguem regularmente localizar cadáveres. De fato, esses casos têm sido raros e, provavelmente, resultam de um nível genial de reconhecimento de padrão, ou são fruto da sorte, ou simples exagero.

Digamos que a polícia receba um comunicado de que uma criança foi seqüestrada. Os detetives da corporação foram treinados para reconhecer padrões; logo, saberiam que o autor do seqüestro provavelmente é do sexo masculino e conhecido da criança. E se a criança ficar desaparecida por mais de quarenta e oito horas, eles poderiam prever que ela morreu, e seu corpo provavelmente será abandonado ao ar livre, num raio de oito quilômetros de distância do local do crime. Digamos que a polícia chame um agente do FBI especializado em levantamento de perfil e ainda mais eficiente do que os policiais na localização de padrões criminais. Com base na experiência e nas estatísticas de crimes semelhantes, o especialista

pode prever que o seqüestrador tem um certo tipo de antecedentes, formação e personalidade. Os detetives da policia e o especialista do FBI podem produzir informação que pareceria vinda de um paranormal, se não soubéssemos que estava baseada em simples padrões. Agora digamos que a policia entre em contato com um paranormal que seja um gênio em reconhecimento de padrões. No nível do gênio, viriam à tona padrões muito mais sutis.

Ele continuou:

— Por exemplo, o setor de diversões emídiã noticiosa criam padrões na mente do público. Digamos que no ano passado diversos filmes e seriados da tevê sobre seqüestros criaram um padrão referente ao melhor lugar onde livrar-se de cadáveres. Aquele padrão poderia influenciar um seqüestrador a escolher um valão em vez de uma velha cabana. O médium inadvertidamente capta o padrão e “sente” que a criança será encontrada num valão. Uma busca nos valões provará que o médium tinha razão.

Em tal caso, os assim chamados poderes psíquicos seriam úteis e até certo ponto autênticos, mas nunca poderiam ser reproduzidos em experiências controladas. Num ambiente de laboratório, todos os padrões são removidos.

— E no caso do cara que conversa com nossos parentes mortos? – perguntei. — Ele sempre tem informações sobre os sobreviventes e o falecido que não poderia ser coincidência. Como isso é feito?

— Isso, também, é um reconhecimento de padrão, juntamente com um sentido teatral e, às vezes, artimanhas. Parte do que parece uma habilidade mediúnica extraordinária nada mais é que uma aposta na probabilidade. O paranormal poderia dizer, por exemplo, que o falecido marido viu a esposa beijar o retrato dele. Isto seria um palpite seguro, pois a maioria das viúvas beija o retrato dos maridos falecidos. Ou o paranormal poderia dizer em tarefas domésticas. Isso se aplica a quase todo homem.

O médium pode captar muitos padrões sugeridos pela voz, sotaque, vestuário, idade, nome, estado de saúde e etnia. Digamos

que um cliente tenha os dentes manchados de nicotina. Fumantes provavelmente vivem com outros fumantes. O médium poderia adivinhar que um bem-amado morreu recentemente de problemas do coração ou pulmão. Isto seria um bom palpite.

— Muito bem, eesses pastores eletrônicos que curam as pessoas na tevê? Para mim, aquelas pessoas parecem curadas. Aquilo é falso?

O velho só deu uma risada. E também ri.

# LUZ

— **P**ense na luz – propôs o velho. — Nosso mundo parece impregnado de energia luminosa. Mas o que é a luz?

— Ela é feita de fótons – respondi, considerando isso um começo. Àquela altura, eu já não deveria cair numa dessas. Acho que ele ignorou minha resposta.

— Se você fosse uma nave espacial apostando corrida com um raio de luz, e estivesse se movendo a noventa e nove por cento da velocidade da luz, quanto mais rápido seria a luz?

— Um por cento da velocidade da luz, evidentemente. Não sei quantos quilômetros por hora.

— Não de acordo com Einstein. Ele provou que um raio luminoso seria mais rápido que sua espaçonave na mesma proporção da velocidade da luz, não importa a velocidade em que você estivesse viajando.

— Isso não faz menor sentido. Mas parece vagamente familiar. Ele realmente disse isso?

— Sim, e no mundo da física é aceito como um fato.

— Isso é ridículo – contestei. — Se eu estivesse viajando a noventa e nove por cento da velocidade do raio luminoso e na mesma proporção de sua velocidade, como se eu não estivesse me deslocando de forma alguma.

— É ridículo mesmo. Mas os cientistas alegam que esta é provado.

— E se duas espaçonaves estivessem apostando corrida com um raio luminoso e uma delas voasse a noventa e nove por cento e a outra a cinquenta por cento da velocidade da luz? A luz não poderia ser mais rápida que ambas exatamente na mesma proporção da velocidade da luz.

— E no entanto, ela seria.



— Bom, isso já é loucura – repliquei. — Vejamos, o raio luminoso estaria se afastando mais depressa da espaçonave mais lenta do que da espaçonave mais veloz. É uma questão de senso comum.

— É comum e está errado, segundo os testes científicos – argumentou. — Acontece que tempo, e movimento, e velocidade da luz são diferentes para cada observador. Nós não percebemos na vida cotidiana porque no caso dos objetivos de baixa velocidade a diferença é muito pouca. Mas à medida que você se aproxima da velocidade da luz, as diferenças se tornam flagrantes.

É literalmente verdadeiro que duas pessoas não podem compartilhar a mesma realidade. Einstein provou que a realidade não é um estado fixo. Em vez disso, é um número infinito de realidades singulares, dependendo da posição em que você se encontra e da velocidade com que esteja se movendo.

Se eu fosse um passageiro da nave lenta que você citou no exemplo, iria ver você se afastando de mim em alta velocidade. Mas da perspectiva do raio de luz, nenhum de nós estaria absolutamente se movendo. Ambas as versões da realidade são demonstravelmente verdadeiras e, no entanto, absurdas se consideradas em conjunto.

— Então, que diabos é a luz? – Perguntei.

— A Luz é o limite externo daquilo que é possível. Não é uma coisa física; é uma fronteira. Os cientistas concordam que a luz não tem massa. Por analogia, pensei no horizonte da Terra. Horizonte não é uma coisa física, é um conceito. Se você tentasse apanhar num balde um pouco de horizonte, não conseguiria.

No entanto, o horizonte é observável e compreensível. Parece físico e parece ter forma e substância. Mas quando você corre na direção do horizonte, não importa a que velocidade, ele parece colocado à sua frente numa mesma distância. Você jamais consegue alcançar o horizonte, por mais depressa que corra.

Ele continuou:

— A luz é análoga ao horizonte. É uma fronteira que dá a

ilusão de ser uma coisa física. Como o horizonte, ela parece afastar-se de você a uma velocidade constante, não importa a rapidez com que você esteja se movendo. Nós observamos coisas que acreditamos serem luz, como os holofotes no céu noturno, o crepúsculo de nuvens vermelhas. Mas essas coisas não são a luz; são meramente fronteiras entre distintas probabilidades.

Imagine duas plantas. Uma estána luz direta e aoutra, na sombra perpétua. A planta iluminada experimenta mais possibilidades, já que vive mais tempo e fica maior e mais forte. Finalmente, acabará morrendo, mas não sem antes vivenciar muito mais possibilidades que sua duplicata que vive na sombra.

— Muito bem –disse eu – , estouachando difícil imaginar a luz como não sendo uma coisa física. Se ela própria não é física, como consegue influenciar coisas físicas?

— Existem muitas coisasnão físicas que afetamo mundo – esclareceu. — A gravidade não é física, e no entanto, pelo que tudo indica, ela impede você de sair flutuando para longe do planeta. A probabilidade não é física, porém influencia em qualquer lugar do universo a jogada de uma moeda. Uma idéia não é física e pode mudar a civilização.

— Não acho queuma idéia seja exemplode uma coisa física que muda a civilização. Os cérebros das pessoas envolvidas são coisas físicas, e eles influenciam nossos corpos, que são coisas físicas, e eles influenciam nossos corpos, que são físicos. Não vejo de que modo as idéias realmente entrem nisso, exceto pela forma como controlamos as coisas. As idéias não ficam por ai flutuando no espaço por iniciativa própria. Elas estão sempre associadas com alguma coisa física em nossos cérebros.

— Suponha que euescreva uma frase insultantenun pedaço de papel e o entregue a você – replicou. — O bilhete é físico, mas quando você olha para ele, a informação entre em sua mente conduzida por uma trilha de luz. Lembre-se de que a luz não tem massa. Como os campos magnéticos, a luz não existe em forma física. Quando a ofensa escrita no bilhete viaja do papel para seus

olhos por meio da trilha de luz, ela é totalmente não-física durante o trajeto da viagem. O insulto codificado na luz não é mais real do que o horizonte. É uma pura transferência de probabilidades de mim para você. Quando o insulto se registra em sua mente, coisas físicas, começam a acontecer. Você pode se zangar, e seu pescoço e testa podem ficar quentes. Você pode até me dar um soco. A luz é uma mensageira da probabilidade, mas nem a luz nem a mensagem têm massa.

Quando sentimos o calor do sol, estamos sentindo o efeito do aumento de probabilidades, e por conseguinte, do aumento da atividade de nossas células da pele, e não o efeito dos fótons atingindo nossa pele. Os fótons não têm massa, segundo nos dizem os cientistas. Essa é outra maneira de dizer que eles não existem senão como conceito.

Ele prosseguiu:

— Você deve ter ouvido dizer que a luz é ao mesmo tempo uma partícula e uma onda, e que, dependendo das circunstâncias, às vezes ela se comporta como partícula, às vezes, como onda. Isso equivale a dizer que às vezes sua sombra é longa, e às vezes é curta. Sua sombra não é só uma coisa física; é uma impressão, uma percepção deixada pelas coisas físicas. É uma fronteira, não um objeto.

Podemos considerar a luz como zonas de probabilidade que cercam todas as coisas. Em virtude de sua densidade, uma estrela tem alta probabilidade de que duas de suas partículas de poeira retornem à existência no mesmo local, forçando uma delas a se ajustar, criando uma probabilidade nova e turbulenta. Aquela atividade, o constante ajustar-se de localizações e probabilidades, é o que nós percebemos como energia.

A razão pela qual você, independentemente da velocidade com que esteja viajando, não consegue se emparelhar com um raio luminoso, é que a zona de probabilidades se desloca com você como sua sombra. Tentar apostar corrida com a luz é como tentar fugir de seus próprios pensamentos.

A chamada velocidade da luz é simplesmente o limite, em relação à localização original, da distância na qual uma partícula pode surgir para a existência. Se a partícula voltar à existência a pouca distância da posição original, a velocidade daquela partícula, percebida por nós, será baixa. Se cada nova aparição ocorrer a uma grande distância do ponto de partida, a velocidade percebida será muito mais alta. Há um limite prático para o quanto uma partícula poderá, ao surgir, estar distante do ponto original. Esse limite é o que dá à luz uma alta velocidade aparente.

— Meu cérebro está doendo -declarei.

# ABELHAS CURIOSAS

— **P**or que razão as pessoas têm religiões diferentes? – indaguei. — Parece que a melhor acabaria por vencer, finalmente, e iríamos todos acreditar na mesma coisa.

O velho fez uma pausa e balançou-se. Aconchegou as duas mãos sob a manda de xadrez vermelho.

— Imagine que um grupo de abelhas curiosas pousasse do lado de fora da janela de uma igreja. Cada abelha está vendo o interior através de um pedaço diferente do vitral. Para uma delas, o interior da igreja é todo vermelho. Para outra, ele é todo amarelo, e assim por diante. As abelhas não podem vivenciar diretamente o interior da igreja; elas só podem vê-lo. Não podem jamais tocar o interior, nem cheira-lo, nem interagir com ele de forma alguma. Se as abelhas pudessem falar, talvez discutissem sobre a cor do interior. Cada abelha se agarraria à sua versão, incapaz de entender que as outras estiveram olhando através de trechos diferentes do vitral. Nem irão entender a finalidade da igreja, nem como ela surgiu ali, nem coisa alguma sobre ela. O cérebro de uma abelha não é capaz de tais coisas.

Mas essas abelhas são curiosas. Quando não entendem uma coisa, sentem-se inquietas e infelizes. A longo prazo, as abelhas teriam de escolher entre a permanente curiosidade, um estado mental incômodo, e a ilusão. As abelhas não gostam dessas opções. De preferência, elas conheceriam a verdadeira cor do recinto da igreja e a finalidade desta; contudo, cérebros de abelha não foram projetados para esse nível de compreensão. Elas têm que escolher uma das duas coisas possíveis: ou o desconforto ou a auto-ilusão. As abelhas que optarem pelo desconforto serão uma companhia desagradável e acabarão no ostracismo. As abelhas que optarem pela auto-ilusão formarão um grupo no intuito de reforçar sua

visão de um, recinto avermelhado, ou de recinto amarelado e assim por diante.

— Então você está dizendo que nós somos como umas abelhas estúpidas? – perguntei, tentando tornar mais leve o clima.

– Pior. Nós somos curiosos.

# FORÇA DE VONTADE

— Você está em muito boa forma – observou o velho.

— Faço ginástica quatro vezes por semana.

— Quando vê um beso, que pensa da força de vontade dele?

— Acho que ele não tem muita – retruquei.

— Por que pensa assim?

— Será tão difícil não comer aquela terceira tigela de sorvete? Eu estou em boa forma porque faço ginástica e me alimento direito. Não é fácil, mas eu tenho força de vontade. Algumas pessoas não têm.

— Se você estivesse passando fome, poderia resistir à tentação de comer?

— Duvido. Em todo caso, não poderia resistir muito tempo.

— Mas com o estômago cheio, suponho que você poderia resistir facilmente.

— Claro.

— Parece que é a fome que determina suas ações, e não a chamada força de vontade.

— Não, você está pegando dois pontos extremos: o passar fome e o estar repleto – disse eu. — Na maior parte do tempo, estou no meio. Posso comer um pouquinho ou posso comer muito, mas a opção é minha.

— Você algum dia já esteve com muita fome, não a ponto de morrer de fome, porém muito faminto, e se apanhou comendo até o estômago doer?

— Sim, mas na média eu não como em excesso. Às vezes estou ocupado e passo metade do dia sem me lembrar de comer. Acaba uma coisa equilibrando a outra.

— Não vejo como a força de vontade entra em sua vida – contestou. — Em um caso, você come demais; em outro caso, você

simplesmente se esquece de comer. Não vejo força de vontade em absoluto.

— Eu não como em excesso cada vez que eu vou comer. Na maior parte do tempo, tenho uma fome média e como porções médias. Eu gostaria de comer mais, mas não como. Isso é força de vontade.

— E segundo você, os obesos têm menos dessa coisa que você chama de força de vontade?

— É obvio que sim, ou eles comeriam menos.

— Não será possível os obesos terem a mesma dose de força de vontade que você tem, mas com uma fome muito maior?

— Eu acho que as pessoas têm que assumir responsabilidades pelos seus próprios corpos – repliquei.

— Assumir responsabilidade? Parece que você está tentando substituir o termo *força de vontade* por duas novas palavras, na esperança de que eu ache que se trata de um novo pensamento.

Eu ri. Ele tinha me pegado.

— Está bem, pode me dizer – falei, sabendo que havia um pensamento mais profundo por trás dessa linha de questionamento.

— Nós gostamos de acreditar que as outras pessoas têm o mesmo nível de necessidades que nós, apesar de todas as provas em contrário. Estamos convictos de que os indivíduos só diferem no grau de moral ou de força de vontade, ou ambas combinadas. Mas as necessidades são reais, e elas diferem extremamente de um indivíduo para outro. A moral e a força de vontade mais premente é a que sempre vence, e a força de vontade nunca entra nisso. Força de vontade é uma ilusão.

— Sua interpretação é perigosa – comentei. — Você está dizendo que estamos autorizados a atender a nossas necessidades, independentemente do certo e do errado, porque, de toda forma, não há o que se possa fazer. Desse jeito, mais vale esvaziar as prisões, já que as pessoas não conseguem deixar de cometer crimes. Segundo você, não se pode realmente culpá-las.

— É importante para a sociedade, que nossas necessidades



sejam temperadas pela vergonha, e pela condenação, e pela ameaça de punição – disse ele. — É uma ficção útil condenar uma coisa chamada força de vontade e fingir que o indivíduo é de alguma forma capaz de superar suas carências com essa força mágica e invisível. Sem tal ficção, não poderia haver condenação, nem indignação, nem consenso universal de que algumas coisas devem ser punidas. E sem essas forças limitativas muito concretas, nossas necessidades estariam menos contidas e seriam mais perturbadoras do que são. A ilusão da força de vontade é uma ficção prática.

— Eu nunca mais vou ver uma torta como eu via antes – declarei. — Mas, e as pessoas que têm um metabolismo mais lento? Mesmo comendo pouco elas engordam.

— Você já viu fotos de gente passando fome? – perguntou.

— Sim.

— Quantas daquelas pessoas eram gordas?

— Nenhuma que eu tinha visto. Elas são sempre pele e ossos.

Mas isso é diferente.

— É muito diferente, mas mesmo assim, segundo sua teoria, alguma dessas pessoas deviam continuar gordas enquanto passavam fome.

Eu não tinha uma resposta para isso. Fiquei contente de mudarmos de assunto.

# TERRAS SANTAS

— **O** que torna santa uma terra santa? – perguntou.

— Bem, normalmente é porque ocorreu ali algum importante acontecimento religioso.

— O que significa dizer que uma coisa ocorreu num local específico, quando sabemos que a Terra está constantemente em movimento, rodando em trono de seu eixo e seguindo a órbita do sol? E que nós estamos numa galáxia em movimento, que faz parte de um universo em expansão. Mesmo que você tivesse uma espaçonave e pudesse voar para qualquer lugar, nunca pode voltar ao local de um acontecimento passado. Não haveria qualquer equivalente do local passado, pois a localização depende de nossa distância em relação a outros objetos, e todos os objetos do universo teriam, àquela altura, se movimentado consideravelmente.

— Entendo seu argumento, mas na Terra os sítios sagrados mantêm uma relação com outros lugares do planeta, e essas coisas não se movem muito – comentei.

— Vamos dizer que você cavou toda a terra, as pedras e a vegetação de um lugar santo, transferindo tudo para outro lugar e não deixando senão um buraco de quase dois quilômetros de profundidade no local original. Será que agora a terra santa é o novo local onde você coloca a terra, e as pedras e a vegetação, ou é o antigo local com o buraco?

— Acho que ambos seriam considerados santos – declarei, apostando nos dois lados.

— Suponha que você retirou do local sagrado apenas a camada mais superficial do solo e da vegetação, o material mais recente depositado pelos ventos, ou o que cresceu depois de ocorrerem os fatos religiosos, há milhares de anos. O lugar onde você jogou a terra superficial e a vegetação, o material mais

recente depositado pelos ventos, ou o que cresceu depois de ocorrerem os fatos religiosos, há milhares de anos. O lugar onde você jogou a terra superficial e a vegetação seria santo?

— Isso é um pouco mais complicado – disse eu. — Eu diria que o novo local não é santo, pois a terra superficial que você transferiu para lá não é, por si mesma, solo sagrado. Se o solo sagrado pudesse transformar em solo sagrado tudo o que ele tocasse, então o planeta inteiro seria sagrado.

O velho sorriu.

— O conceito de localização, quando aplicado à posse de bens imobiliários ou quando usado para orientar alguém a chegar às lojas, é uma ilusão de ordem prática. Mas quando é visto através dos olhos de um Deus onipotente, o conceito de localização é absurdo.

Enquanto estamos aqui conversando, nações estão se armando para lutar pelo controle de terras que elas consideram santas. Elas são presas na armadilha da ilusão de que localizações são coisas reais, e não apenas ficções da mente. E muitos morrerão.

# LUTANDO CONTRA DEUS

— Então, para que serve tudo isso? – perguntei. — Digamos que você me convenceu de que a probabilidade é a melhor forma de compreender o universo, e de que ela é a essência de Deus. Em que isso me ajuda? Devo rezar para esse seu Deus? Preciso satisfazê-lo de alguma forma?

— A probabilidade é a expressão da vontade divina. Obedecer à probabilidade só faz atender a seus interesses.

— Como é que eu obedecço à probabilidade?

— A remontagem de Deus pede gente, gente viva e saudável – explicou. — Quando você usa o cinto de segurança, aumenta suas chances de viver. Isso é obediência à probabilidade. Quando se embriaga e dirige sem o cinto de segurança, você está lutando contra a probabilidade.

— Não vejo como possa estar ajudando a remontagem de Deus – contestei. — Eu só entrego pacotes. Não estou projetando a internet nem nada assim.

— Toda via atividade econômica ajuda. Esteja programando computadores, ou produzindo alimentos, ou criando filhos, ou varrendo lixo nas ruas, você está contribuindo para a realização da consciência de Deus. Nenhuma dessas atividades é mais importante do que outra.

— E quanto ao bem e ao mal? Eles existem em seu modelo? – perguntei.

— O mal é qualquer ação que possa prejudicar as pessoas. A probabilidade geralmente castiga os malfeitores. Já que, em sua maioria, os criminosos são apanhados e postos na prisão, as pessoas que prejudicam outras em geral costumam pagar. Então o mal existe e, de modo geral, recebe punição.

A vida tem um jeito e um fluir que são próprios dela.

Normalmente conhecemos por instinto quando estamos trabalhando com a probabilidade a nosso favor e quando estamos lutando contra ela. Quando você, por exemplo, encara seus estudos com seriedade, está aumentando enormemente sua probabilidade de contribuir para a remontagem de Deus. Quando você ama e respeita aos demais e procria com responsabilidade, você está vivendo dentro do cone de segurança da probabilidade. Você está, em certo sentido, cumprindo a vontade de Deus.

— Isso parece a definição de carma –aleguei. — Quando você faz coisas boas, recebe coisas boas.

— Sim, mas as coisas boas não voltam na base do toma-lá-dá-cá. As ações individuais não são recompensadas diretamente. É só na média que as boas ações melhoram a qualidade de vida para você e as pessoas a seu redor.

— Deus, digamos assim, perdoa as pessoas?

— Sim, essencialmente, ao exercer o controle sobre a média das atividades humanas, em vez de sobre os atos individuais. Cada um tem as oportunidades de melhorar sua contribuição média para a sociedade, independentemente do que tiver feito no passado.

— E a vida após a morte? Onde está o ganho? Que diferença faz para mim o fato de dar ou deixar de dar uma contribuição para a sociedade? De qualquer jeito, alguma hora eu vou morrer. Por que eu deveria me importar se Deus vai ficar consciente ou não? – inquiri.

— Quer você, como indivíduo, esteja em harmonia com a probabilidade ou não, Deus ficará consciente. Deus controla as médias, e não os indivíduos. O ganho para você, a curto prazo, por contribuir para a consciência de Deus é ter menos problemas em sua vida diária, menos estresse e mais felicidade.

O estresse é a causa de toda a infelicidade, e ele surge em infinitas variedades, todas elas com uma causa comum. O estresse é um resultado de se lutar contra a probabilidade, é o atrito entre o que você está fazendo e o que você deveria estar fazendo para viver dentro da probabilidade.

— Isso parece simplista— retruquei. — Às vezes, o estresse só atingi alguém porque a pessoa está no lugar errado no momento errado. Digamos que um membro da família morra de velhice. Isso é estressante, mas não há nada que se possa fazer.

— Não dá para eliminar de nossa vida o estresse. Mas você pode reduzi-lo ao estar em harmonia com a probabilidade. Você pode lidar mais facilmente com a morte de uma pessoa amada se tiver feito o necessário planejamento do espólio, e estiver psicologicamente preparado para o inevitável. Se você tem sido um bom amigo de muitos e tem mantido a proximidade com seus familiares, a perda será suavizada. Se você permite à sua mente abrir mão do passado, em vez de tentar querer que o falecido volte à vida, ou desejar ter agido de outra forma, então seu estresse vai ser menor.

— E a vida não é assim? Todos os benefícios estão aqui e agora ou existe alguma coisa depois?

— Com o tempo acontece tudo o que é possível acontecer. Esta é uma qualidade fundamental da probabilidade. Se você joga uma moeda para cima com a frequência necessária, em algum momento vai dar cara mil vezes seguidas. E tudo o que é possível acontecerá muitas vezes, enquanto existirem as partículas de Deus. O pedaço de partícula que engloba seu corpo e sua mente algum dia irá se partir e desintegrar, mas uma versão de você reaparecerá no futuro, por acaso.

— Você está dizendo que eu vou reencarnar?

— Não exatamente. Estou dizendo que uma réplica sua mente e seu corpo existirá no futuro distante, por acaso. E as coisas que você fizer agora podem tornar a vida mais agradável ou mais difícil para sua réplica.

— Por que eu deveria me importar com uma réplica de mim? É um outro sujeito.

— Essa distinção é uma ilusão. Em sua vida atual, cada célula de seu corpo já morreu e foi substituída muitas vezes. No seu corpo atual, não há mais nada do tempo em que você nasceu. Você não

tem mais nada do equipamento original, só tem peças de reposição; logo, para fins práticos, você lá é uma réplica de sua versão anterior.

— Sim, maisminhas lembranças continuam comigoA minha réplica no futuro distante não terá nenhuma das lembranças e dos sentimentos que compreendem minha vida – objetei.

— Haverá muitas réplicasde você no futuro, enão uma só. Algumas viverão vidas parecidas com a sua, com lembranças e sentimentos semelhantes. As réplicas serão diferentes de você somente no conceito, não em termos práticos.

— O que me agradaem sua visão de Deusé que fica fácil seguir regras. Tudo o que eu preciso fazer é seguir a probabilidade.

— Às vezes éfácil – assentiu. — Outrasvezes será difícil discernir as probabilidades corretas. Deu hoje no noticiário que os adolescentes que declaram de publico o compromisso de não ter atividade sexual, comparados aos que não se comprometem, têm mais sucesso em se abster. Que conclusão você tiraria dessa história em relação às probabilidades?

— Obviamente, assumiro compromisso empúblico ajuda. Isso melhora as probabilidades que você tem.

— Pode ser. Outalvez os adolescentes quequisessem se abster fossem os únicos dispostos a assumir um compromisso público. Ou talvez os adolescentes que se comprometeram sejam mais propensos a mentir posteriormente sobre seu desempenho sexual. A probabilidade é simples, mas nem sempre é óbvia.

# RELACIONAMENTOS

O velho balançou-se mais um pouco e sorriu para mim.

— Você fica sozinho a maior parte do tempo.

Ele tinha razão. Eu gostava de ficar sozinho. Eu tinha amigos, mas sempre ficava feliz em voltar para casa.

— Como é que você sabe disso?

— Suas pupilas ficam dilatadas quando eu falo de idéias.

— É mesmo?

— Há dois tipos de gente no mundo, meu jovem amigo. Um tipo é orientado para pessoas. Quando esse tipo conversa, é a respeito de gente – o que as pessoas estão fazendo, o que alguém disse, como alguém se sentiu. O outro grupo é orientado para idéias. Quando eles conversam, falam a respeito de idéias, e conceitos, e objetos.

— Eu devo ser uma pessoa de idéias.

— Você é. Isso causa problemas em sua vida pessoal, mas você não percebe de que modo.

— Isso é uma presunção de sua parte. O que o leva a pensar que eu tenho problemas em minha vida pessoal?

Tive de admitir que ele estava certo. Todo mundo tem uma vida pessoal imperfeita, mas para mim tal imperfeição era quase um princípio definidor.

Ele continuou:

— Pessoas de idéias, como você, são maças até mesmo para outras pessoas de idéias.

— espera aí, estou ofendido – interrompi, não me sentido realmente ofendido. — Eu reconheço que não sou a alegria da festa. Sempre que tento injetar alguma coisa interessante numa conversa, todo mundo cala a boca até alguém mudar de assunto. Eu me acho muito interessante, mas ninguém acha. Quem conversa



sobre gente parece que fica jogando conversa fora, mas eu normalmente tenho coisas interessantes para dizer. Eu esperava que as pessoas gostassem disso.

— Na verdade, quem conversa sobre gente dá apenas a impressão de jogar conversa fora – retrucou. — No fundo, eles estão falando sobre o assunto com que todos se importam, estão falando de gente. Quando alguém fala de gente, fala de algo pessoal para todos os que ouvem. Você automaticamente irá relacionar a história consigo mesmo, pensando em como você reagiria na situação daquela pessoa, em como sua vida tem paralelos. Por outro lado, se você contar uma história sobre o novo tipo de ferramenta que encontrou na loja de ferragens, ninguém poderá se relacionar com a ferramenta do nível pessoal. Trata-se apenas de um objeto, não importa o quanto seja útil ou inovador.

— Tudo bem, então comê que eu faço para me tornar mais interessante?

— Se eu lhe desse um conselho, você iria segui-lo?

— Talvez. Depende do conselho.

— Não, você não seguiria o conselho. Ninguém jamais seguiu o conselho de outra pessoa.

— Agora você está sendo indelicado – protestei. — é óbvio que as pessoas seguem conselhos o tempo todo. Não é ilusão.

— As pessoas acham que seguem conselhos, mas elas não seguem. Os seres humanos são incapazes de receber informações. Eles criam seu próprio conselho. Se você procura influenciar alguém, não perca seu tempo dando conselhos. Você só pode mudar o que as pessoas sabem, não o que elas fazem.

— Pois muito bem, você pode me dar alguma informação que ajude a minha vida pessoal?

— Talvez – disse o velho, apertando mais a manta de xadrez vermelho em torno do corpo miúdo. — Que tópico interessa a você acima de qualquer outro?

— Acho que eu mesmo – confessei.

— Sim, aí está a essência do ser humano. Qualquer um que

encontramos numa festa está interessado em sua própria vida, acima de qualquer outro assunto. Os silêncios que constroem você podem ser resolvidos simplesmente fazendo perguntas simples sobre a vida daquela pessoa.

— Isso seria totalmente hipócrita – declarei. — Para começar, seria como submetê-la a interrogatório. Em segundo lugar, eu não poderia me fingir interessado nas respostas. Se por acaso o outro for algum vendedor de calçados que vive com a mãe em Albany, meus olhos vão ficar vidrados.

— Pareceria hipócrita a você no momento de fazer a pergunta, mas não pareceria assim para o estranho. Para ele é um presente inesperado, uma oportunidade de desfrutar um dos maiores prazeres da vida: falar sobre si mesmo. Ele ficaria animado e começaria a gostar de você ali mesmo. Você daria a impressão de ser um interlocutor arguto e talentoso, mesmo que sua única contribuição fosse fazer perguntas e ouvir. E teria afastado o medo do estranho do silêncio embaraçoso. Com, isso terá garantida a gratidão dele.

— Isso resolveria o problema do estranho, mas me obrigaria a cantilena dele sobre si mesmo. É pior a emenda que o soneto.

— Suas perguntas ao estranho são só pontos de partida. Dali você pode dirigi-lo para a coisa que você mais aprecia – você mesmo.

— Será que ele não ia querer falar de si mesmo em vez de falar de mim?

— Quando descobrimos como os outros lidam com as situações deles, isso se torna relevante para nós – esclareceu. — Sempre haverá paralelos com nossas vidas. Descubra o que vocês têm em comum, então pergunte como ele vê a questão, como lida com ela, se tem alguma solução brilhante. Quem sabe ambos gastam longo tempo da casa ao trabalho, ou têm uma mãe que fica telefonando demais, ou praticam esqui. Encontre aquele ponto de interesse comum e ambos acabarão falando cada um sobre si mesmo, para alegria um do outro.

— E que mediz de se compartilhar opiniões sobre coisas importantes? – perguntei. — Estou sempre discutindo com os outros. Sempre me parece que eu tenho uma visão mais ponderada das coisas, e me sinto com a responsabilidade de corrigi-los. Às vezes, porém, eu preferia ter calado a boca. Mas quando você ouve as opiniões malucas que têm algumas pessoas, na verdade, a maioria delas, como vai conseguir deixar pra lá?

— Você já sepanhou no meio do trânsito atrás de alguém que não deu a partida com o sinal verde, e aí você buzina e só depois descobre que o carro dele está enguiçado e que ele não podia fazer nada?

— Tudo bem, eu buzinei; é constrangedor – admiti.

— Na maioria, as desavenças são como este meu exemplo. Duas pessoas têm uma informação distinta, mas acham que a raiz da divergência é a outra pessoa não ter um bom discernimento, ou boas maneiras, ou bons valores. De fato, a maioria das pessoas, se tivesse a mesma informação, iria coincidir nas opiniões. Se você gasta seu tempo discutindo sobre as falhas das opiniões alheias, desperdiça seu tempo e o tempo alheio. A única coisa que pode ser útil é examinarem as diferenças de pressupostos e acrescentarem algo à informação um do outro. Às vezes, é o bastante para fazer convergirem os pontos de vista depois de algum tempo.

— Oba, se você pode me ensinar a ter um bom relacionamento com as mulheres, eu vou gostar.

— Possolhe contar algumas coisas.

— Aceito qualquer ajuda que venha.

— As mulheres acreditam que os homens são, em certo sentido, versões defeituosas das mulheres – começou. — os dois sexos caíram na armadilha da ilusão de que seus pontos de vista pessoais são universais. A visão de que cada sexo é uma versão defeituosa do sexo oposto é a raiz de todos os mal-entendidos.

— Em quisso me ajuda? – Indaguei.

— As mulheres se definem por seus relacionamentos e os homens se definem por que eles estão ajudando. A mulher acredita

que calor se cria com sacrifício. Se você estiver disposto a abandonar suas atividades favoritas para estar com ela, ela confiará em você. Se estar com ela é fácil demais para você, ela não confiará em você. No começo você pode realizar seus sacrifícios simbolicamente, saindo mais cedo do trabalho para comprar flores, cancelando seu jogo de bola para encontrar-se com ela, esse tipo de coisa.

— Por que parece que os caras ricos e famosos conseguem todas as mulheres? Perguntei.

— Em parte porque os ricos e famosos são capazes de fazer sacrifícios maiores. O homem comum, para estar com uma mulher, pode estar sacrificando uma noite de televisão. O homem rico e famoso pode estar sacrificando uma semana no Taiti. Por muito que se fale da atração exercida pelo poder e pela segurança que transpira um homem rico e poderoso, mais importante é a capacidade de sacrifício.

— O que os homens valorizam? Perguntei.

— Os homens acreditam que o valor é criado pelas razões; eles têm objetivos para as mulheres de suas vidas. Se a mulher alcançar os objetivos, ele conclui que ela o ama; se ela não consegue alcançá-los, ele conclui que ela não o ama. O homem supõe que se o amasse, a mulher teria tentado com mais empenho, e ele sempre acredita que os objetivos que traçou para ela são razoáveis.

— Que objetivos?

— Para cada homem os objetivos variam. Os homens raramente compartilham esses objetivos, já que fazê-lo é desastroso. Nenhuma mulher aceitaria que lhe dessem uma série de objetivos.

— Então, o que o sujeito deve fazer, se a mulher de sua vida não alcança esses objetivos secretos? Como ele pode conseguir que ela mude?

— Ele não pode — replicou. — Os homens podem ser modificados em pequenas coisas, vestuário, corte de cabelo,

maneiras, porque essas coisas não são importantes para a maioria dos homens. As mulheres não podem ser mudadas de jeito nenhum.

— Não estou ouvindo aqui nada que me ajude.

— O máximo que se pode esperar numa relação é encontrar alguém cujos defeitos sejam do tipo que não nos incomodam. É ocioso procurar alguém sem defeitos, ou capaz de mudanças significativas; esse tipo de pessoa só existe em nossa imaginação.

— Digamos que eu encontre uma pessoa cujos defeitos não me incomodem – propus. — O difícil é conservá-la; não tenho tido muita sorte nesse departamento.

— Uma mulher precisa que você se declare disposto a sacrificar qualquer coisa por ela. Um homem precisa que lhe declarem que está sendo útil. Quando algum deles se desvia dessa fórmula, o outro perde a confiança. E quando a confiança é perdida, a comunicação se deteriora.

— Não acho que você precise confiar em alguém para se comunicar. A mesma facilidade para conversar com alguém que confio, encontro para conversar com alguém em quem não confio.

— Sem confiança, você só pode comunicar coisas triviais. Se você tentar comunicar algo importante sem ter o embasamento da confiança, vão desconfiar de que você possa ter algum cronograma secreto. Analisarão suas palavras à cata de significados ocultos e sua mensagem simples será turvada pelas suspeitas.

— Acho que estou entendendo. Como posso angariar mais confiança?

— Mentindo.

— Agora você está brincando, não é?

— Você deve mentir sobre os seus talentos e conquistas, descrevendo as vitórias em termos depreciativos, como se elas fossem o fruto da sorte. E deve exagerar seus defeitos.

— Por que diabos eu ia querer dizer aos outros que era um fracasso e um idiota? Não é melhor ser honesto?

— A honestidade é comparável à comida. Ambas são

necessárias, mas em excesso provocam desconforto. Quando minimiza suas realizações, você faz os demais se sentirem melhor em relação às realizações deles. É desonesto, porém amável.

— Esse conselho é bom. Que outras dicas você tem?

— Você acha que uma conversa casual é perda de tempo.

— Claro, a menos que tenha alguma coisa a dizer. Não sei como as pessoas conseguem tagarelar sobre coisa nenhuma.

— O seu problema é que você considera a conversa um modo de trocar informação – declarou.

— É isso que ela é – concordei, na certeza de estar assinalando o óbvio.

— A conversa é mais do que a soma das palavras. É uma forma de assinalar a importância do outro, mostrando nossa inclinação a conceder àquela pessoa nosso recurso mais escasso: tempo. É uma forma de comunicar respeito. O ato de conversar nos lembra que somos parte de um todo maior, ligado de uma forma que vai além do dever, ou do parentesco, ou das relações pessoais. As conversas podem ser muitas coisas, mas nunca serão inúteis.

Durante as horas seguintes, o velho revelou mais de seus ingredientes para uma vida social bem-sucedida. Manifeste sua gratidão. Dê mais que o esperado. Fale com otimismo. Toque nas pessoas. Lembre-se dos nomes. Não confunda flexibilidade com fraqueza. Não julgue as pessoas pelos erros cometidos; em vez disso, você deve julgá-las por seu modo de reagirem aos erros. Lembre-se de que sua aparência física é para o benefício dos outros. Atente primeiro a suas próprias necessidades básicas; de outro modo, você não será útil a ninguém.

Eu não sabia se seria capaz de incorporar seus ingredientes à minha vida, mas parecia possível.

# AFIRMAÇÕES

— Ouvei falar de algo chamado afirmações – disse eu, aproveitando a oportunidade para explorar outro nível no cérebro do velho. — Você escreve seus objetivos quinze vezes por dia e então, de certo modo, eles se realizam como num passe de mágica. Conheço gente que jura que funciona. Isso realmente funciona?

— A resposta é complicada.

— Estou com tempo – respondi.

— As pessoas que usam afirmações sabem o que querem e estão querendo trabalhar por isso; do contrário, não teriam entusiasmo para escrever seus objetivos quinze vezes por dia. Não é de espantar que alcancem mais sucesso que a pessoa comum.

— É porque trabalham com mais afinco?

— É porque sabem o que querem – esclareceu. — A capacidade de trabalhar com afinco e de fazer sacrifícios vem naturalmente para aqueles que sabem, exatamente o que querem. A maioria das pessoas acredita que tem objetivos, quando, de fato, só tem desejos. Elas talvez lhe digam que seu objetivo é enriquecer sem trabalhar muito, sem fazer sacrifícios nem assumir riscos. Isso não é um objetivo, é uma fantasia. É pouco provável que essas pessoas escrevam afirmações diariamente, porque seria demasiado esforço. E é pouco provável que sejam bem-sucedidas em qualquer escala maior.

— Logo, as afirmações são desnecessárias?

— Elas têm um propósito. Escrever diariamente seus objetivos dá a você um nível mais elevado de foco. Deixa sua mente sintonizada para melhor reconhecer as oportunidades ao seu redor.

— O que você quer dizer com deixar sua mente sintonizada?

— Você já passou pela experiência de ouvir pela primeira vez

uma palavra desconhecida, e logo depois ouvir a mesma palavra de novo?

— Isso acontece tempo todo – confessei.— É uma loucura. É como se o fato de ouvir a palavra uma primeira vez fizesse com que ela aparecesse em todo lugar. É como a palavra *festuca*. Eu nunca tinha ouvido essa palavra, até vê-la escrita numa embalagem de semente de grama, semana passada, na loja. Naquela mesma noite fui a uma festa e um cara usou essa palavra. Tenho certeza de nunca tê-la ouvido antes em minha vida. E aí, numa questão de horas, eu a escuto duas vezes. Qual era a probabilidade de acontecer isso? E ontem à noite eu estava na casa de meu vizinho de rua, jogando bilhar na mesa nova dele. Perguntei-lhe se já tinha jogado totó. É aquele jogo de mesa em que você usa umas varas que liga pequenos jogadores de futebol e tenta chutar uma bola de madeira para dentro do gol do outro cara.

O rosto do velho medizia que não lhe interessava os detalhes da mesa de totó.

— Pois bem –prosegui –, conversamos sobretotó uns vinte minutos, sobre o fato de que jogávamos totó nos tempos de faculdade, mas há anos não víamos uma mesa de totó. Eu não conseguia nem lembrar qual foi a última vez que disse a palavra totó. Quinze minutos depois, estou andando para casa e alguma coisa na janela me chama a atenção. Adivinha só se não era um bando de garotos jogando totó. Eu tinha passado diante da casa milhares de vezes sem nunca ter visto aquela mesa na janela antes.

— O cérebro dagente só consegue processar uma parcela mínima do ambiente em trono de nós – informou. — Ele se arrisca a ser esmagado pelo volume de informação que nos bombardeia a cada minuto de vigília. O cérebro compensa filtrando 99,9% do ambiente que não lhe interessa. Quando você reparou na palavra *festuca* pela primeira vez, e ela ficou rodando em sua cabeça, sua mente sintonizou-se com a palavra. Por isso, você tornou a escutá-la tão cedo.

— Mesmo assim é uma coincidência. Não creio que fiquem



dizendo essa palavra perto de mim todo dia.

— Sim, ainda é uma questão de probabilidade. Mas *festuca e totó* são apenas algumas das palavras e idéias insólitas para as quais você sintonizou o cérebro esta semana. Como as outras não voltaram a cruzar seu caminho, você não deu pela falta delas. Se pensarmos em todas as coincidências possíveis, não é de se espantar que todo dia você vivencie algumas. A pessoa que faz afirmações leva a sintonia mental a um nível mais alto. O processo de concentrar-se no objetivo a cada dia aumenta imensamente a probabilidade de perceber uma oportunidade no ambiente. A coincidência criará a ilusão de que escrever os objetivos leva o ambiente a produzir oportunidades. Na realidade, porém, a única coisa que muda é a capacidade do indivíduo em perceber as oportunidades. Não quero minimizar semelhante vantagem, pois é uma capacidade essencial ao bom êxito.

— Bem, talvez seja parte dele – assenti – mas ouvi contarem algumas coincidências muito surpreendentes ocorridas com pessoas que estavam fazendo afirmações. Um de meus amigos estava escrevendo afirmações para duplicar a renda quando recebeu inesperadamente o telefonema de um caçador de talentos. Duas semanas depois estava com emprego novo e ganhando o dobro. Como você explica isso?

— Seu amigo tinha um objetivo claro e estava disposto a fazer mudanças em sua vida para alcançá-lo – respondeu. — A disposição dele para fazer afirmações foi um bom prognóstico de seu sucesso, e não necessariamente a causa do mesmo. O caçador de talentos do exemplo que você deu fez subir o salário de muitas pessoas naquele mês. Seu amigo foi só uma delas. As pessoas que fazem afirmações vão ter a sensação de estar levando o meio ambiente a se conformar à vontade delas. Este é um sentimento imensamente agradável, já que a ilusão de controle é uma das melhores ilusões que se pode ter.

Ele prosseguiu:

— Uma outra forma de ver as afirmações é como se fossem

um canal de comunicação entre a mente consciente e a mente subconsciente de alguém. Muitas vezes seu subconsciente prevê o futuro melhor que sua mente racional. Se seu subconsciente lhe permite escrever quinze vezes por dia, durante um ano, a frase: “Eu serei uma bailarina famosa”, ele está lhe dizendo alguma coisa. Seu subconsciente está dizendo que considera bom o prognóstico que você tem, que ele permitirá a você fazer sacrifícios, que ele vai lhe dar a satisfação necessária para enfrentar o árduo trabalho à sua frente. Por outro lado, se você tentar escrever sua afirmação durante alguns dias e achá-la trabalhosa demais, seu prognóstico não é favorável.

— não vejo motivo para meu subconsciente ser melhor do que minha mente consciente na previsão de meu futuro – protestei.  
— Eu achava que o subconsciente fosse irracional.

— O subconsciente é uma calculadora das probabilidades. Isso é o que ele faz naturalmente, embora nem sempre com bons resultados. Se seu subconsciente percebe que você perdeu dinheiro nas três últimas transações comerciais realizadas com gente que usa chapéu, você nunca mais confiará de novo em alguém de chapéu. Seu subconsciente nem sempre tem razão; ele depende da qualidade da informação que você fornece ao dispositivo de calcular probabilidade. Por sorte, o assunto que ele mais domina é você, a quem conhece desde a fase uterina. Se seu subconsciente permitir a você tirar dez minutos de seus ocupadíssimos dias para ficar escrevendo: “Eu vou dobrar meu salário”, é porque avaliou como boas suas chances, e está qualificado para fazer tal previsão.

— Será que as afirmações não poderiam ser mais que isso? – perguntei. — Você teve um trabalho para dizer que as coisas não são exatamente o que parecem, mas quem garante que a concentração nos próprios objetivos não altera a probabilidade?

— Prossiga.

— Muito bem: imagine que você é o capitão de um navio, mas é cego e surdo. Você grita ordens à tripulação, mas não sabe com certeza se elas foram ouvidas, ou obedecidas. Só sabe é que

quando ordena a partida para um determinado porto de clima quente, alguns dias depois chega a um lugar de clima quente. Você nunca pode ter certeza se a tripulação obedeceu as suas ordens, ou se o levou para algum outro lugar de clima quente, ou se não saíram do lugar e o tempo melhorou. Se, conforme você sustenta, nossas mentes são geradoras de ilusões, então somos todos comandantes surdos e cegos de algum barco, gritando ordens para o universo na esperança de que isso vá mudar alguma coisa. Não há maneira de sabermos o que realmente funciona e o que meramente parece funcionar. Logo, será que não faria sentido, mesmo sem termos certeza, tentar todas as coisas que parecem funcionar?

— Vocêtem potencial— comentou.

Eu não sabia que aquiloqueria dizer.

# QUINTO NÍVEL

— Quem é você? – perguntei. Eu não sabia como fazer delicadamente a pergunta. O velho, com certeza, não era normal.

— Sou um Avatar.

— Isso é uma espécie de título? Pensei que fosse seu nome.

— São duas coisas.

— Desculpe eu perguntar isso; não sei exatamente como perguntar, então lá vai...

— Você quer saber se eu sou humano.

— Sim; desculpe se parece maluquice. É só que...

Com um aceno, o velho dispensou o fim da frase:

— Eu entendo. Sim, sou humano. Sou um ser humano de quinto nível: um Avatar.

— Quinto nível?

— As pessoas existem em diversos níveis de consciência. Um Avatar é alguém que vive no quinto nível.

— A consciência é como inteligência?

— Não, a inteligência é uma medida de como você funciona bem dentro de seu nível de consciência. Sua inteligência vai ser mais ou menos a mesma coisa a vida toda. A consciência é completamente diferente da inteligência; a consciência passa pela capacidade de reconhecer as próprias ilusões como tais. A consciência da maioria das pessoas avança um ou dois níveis durante a existência.

— O que significa reconhecer ilusões?

— Quando você era criança, seus pais lhe disseram que Papai Noel trazia presentes no dia de Natal?

— Sim – admiti – eu acreditei em Papai Noel até chegar ao jardim de infância, quando os outros garotos começaram a comentar. Então percebi que Papai Noel não tinha como chegar a

todas aquelas casas numa mesma noite.

— Sua inteligência não mudou no momento em que você percebeu que Papai Noel era uma fantasia inofensiva. Seu talento para matemática e atividades verbais continuou igual, mas sua consciência aumentou. Você ficou subitamente consciente de que histórias vindas de fontes confiáveis, neste caso, seus pais, podiam ser completamente inventadas. E a partir do momento dessa percepção, nunca mais você conseguiu ver o mundo da mesma forma, pois sua percepção da realidade mudou.

— Acho que sim.

— E na escola? Você aprendeu que os ameríndios e os peregrinos se juntaram para celebração do que seria o Dia de Ação de Graças nos Estados Unidos?

— Aprendi.

— Você achou que era verdade porque estava escrito num livro e porque seus professores disseram que aconteceu. Você estava na escola com o objetivo específico de aprender a verdade. Mas agora os peritos nos esclareceram que nunca se deu um primeiro Dia de Ação de Graças com peregrinos e ameríndios. Como no caso de Papai Noel, muito do que consideramos história é simplesmente uma invenção.

— Nos exemplos citados por você, sempre o assunto é o aprender. Isso me parece relacionado à inteligência, e não à consciência.

— A consciência diz respeito ao *não aprender*. É uma admissão de que você não sabe tanto quanto achou que sabia.

Ele descreveu o que chamou de cinco níveis de consciência e revelou que todos os seres humanos vivenciam o primeiro nível de consciência ao nascer. É o primeiro momento em que você está consciente de existir.

No segundo nível de consciência você entende que existem outras pessoas. Você acredita na maior parte daquilo que dizem as figuras de autoridade. Você aceita o sistema de crenças segundo o qual está sendo criado.

No terceiro nível da consciência você reconhece que os seres humanos muitas vezes se enganam sobre as coisas em que acreditam. Você sente que talvez esteja equivocado em relação a algumas de suas convicções, porém não sabe quais. Apesar das dúvidas, você ainda encontra consolação em suas crenças.

O quarto nível é o ceticismo. Você acredita que o melhor indicador do verdadeiro é o método científico, e acredita que possui uma compreensão sólida e operacional da verdade, graças à ciência, à sua lógica e a seus sentidos. Você se torna arrogante no tratar com as pessoas do segundo e terceiro níveis.

O quinto nível da consciência é o Avatar. O Avatar entende que a mente é um gerador de ilusões, e não uma janela para a realidade. O Avatar reconhece que a consciência, mesmo sendo útil, é um sistema de crenças, um avatar está consciente do poder de Deus como manifesto na probabilidade, e está consciente da inevitável recombinação da consciência divina.

— Acho que sou um quarto nível – avaliei – segundo o seu critério, pelo menos.

— Sim, você é um quarto – confirmou ele.

— Mas agora que você me contou todos os seus segredos do quinto nível, talvez eu consiga subir um nível. É assim que funciona?

— Não – objetou – a consciência não vem da recepção de informação nova. Ela vem da rejeição de informação velha.

— Estou me sentindo ligeiramente ofendido – graciei.

— Não devia. Não existe nenhum bem ou mal implícito em relação ao nível de consciência. As pessoas encontram felicidades em todos os níveis.

— Isso parece muito caridoso – comentei –, mas notei que o seu nível é o de número mais alto. Obviamente é o nível bom. Você deve estar se sentindo um tanto vaidoso.

— Não existe nem bem nem mal em coisa alguma, só existem diferenças de utilidade. Em todos os níveis, as pessoas encontram, o mesmo potencial de serem úteis.

— Mas você deve estar contente por não estar num dos outros níveis.

— Não. A felicidade vem mais fácil em outros níveis. A consciência tem um preço. Um Avatar só consegue encontrar alegria em servir.

— Como é que você serve?

— Às vezes as ilusões da sociedade se desequilibram, e quando elas entram em conflito, as emoções explodem. Aí, morre gente. Se morrer muita gente, a recombinação de Deus fica ameaçada. Quando isso acontece, o Avatar entra em ação.

— Como?

— Você não consegue acordar a si mesmo de um sonho. Você precisa que alguém que já está acordado lhe dê uma leve sacudida, fale baixinho no seu ouvido. De certo modo, é isso que eu faço.

— Como sempre, não tenho certeza do que você quer dizer.

Ele explicou:

— Os grandes líderes deste mundo são sempre pessoas menos racionais dentre nós. Eles existem no segundo nível de consciência. Os líderes carismáticos têm uma capacidade natural para atrair as pessoas para as ilusões deles. Eles convencem, todos a agir contra os próprios interesses e a adotarem as visões da liderança sobre o bem maior. Os líderes fazem os cidadãos entrarem em guerra para tomar territórios onde jamais viverão e matar gente que adora religiões diferentes.

— Nem todos os líderes são irracionais – argumentei.

— Os mais eficientes são. Não é sempre que se vêem gênios da matemática ou professores de lógica se tornarem grandes líderes. A lógica é um empecilho à liderança.

— Bem, pelo jeito a liderança irracional funciona. O mundo, de modo geral, parece que vai sacolejando estrada a fora bastante bem.

— Só funciona porque as ilusões das pessoas estão, na média, em equilíbrio. O Avatar mantém as coisas assim porque

periodicamente introduz novas idéias, no momento necessário.

— Você acha que uma idéia pode mudar o mundo a tal ponto? — perguntei.

— As idéias são as únicas coisas que podem mudar o mundo. O resto é detalhe.



# VOLTA AO LAR

Na apresentação do velho, dissolviam-se o tempo e as necessidades. Conversamos por um período que pode ter durado vários dias. Recordo um raiar do dia, mas pode ter havido mais de um. Nunca me senti cansado, na presença dele. Era como se a energia o envolvesse qual um campo invisível, alimentando tudo o que estivesse nas proximidades. Ele era surpreendente, era perturbador, e estava, em última análise, além do império das palavras.

Continuamos a conversa a respeito de vida, de energia, e de probabilidade. Às vezes eu perdia a sensação de pertencer a meu próprio corpo. Era como se minha consciência se expandisse para incluir objetos do aposento. Eu olhava para minha mão pousada no braço da cadeira de balanço e observava desaparecerem as distinções entre a madeira, o ar e a mão. Por vezes me sentia como um gatinho levantando pela pele da nuca: frágil, protegido, transportado.

Não me lembro de ter saído da casa nem caminhado para minha caminhonete, mas recordo o aspecto de tudo. A cidade tinha contornos límpidos. Os sons eram nítidos. As cores eram vívidas. Os objetos pareciam mais dimensionais, como se, do ponto onde me encontrava, eu pudesse ver as laterais e o fundo. Ouvi alguém telefonando a um quarteirão de distância e eu sabia os dois lados do diálogo. Eu era capaz de sentir qualquer variação do fluxo de ar.

Voltei para casa dirigindo por uma rota que eu normalmente não seguia. Deslizava pelos sinais abertos sem sequer tocar nos freios. Os pedestres ficavam na calçada e um policial me acenou para que desviasse do local de um acidente. Eu soube que todas as pessoas envolvidas estavam bem.

Quando enfiei a chave na fechadura, vi todas as outras

fechaduras iguais à minha e todas as outras chaves, que por coincidência eram uma só. Vi as engrenagens internas enquanto virava a chave na fechadura, como se eu fosse um minúsculo observador ali dentro, olhando para um equipamento de dimensões colossais.

Tudo no meu apartamento parecia reduzido a três quartos do tamanho original. Senti uma leve claustrofobia.

Sentei-me junto à mesa da cozinha com o pacote que o Avatar se recusara a aceitar e fiquei olhando-o um tempo, matutando sobre o conteúdo. Desejava abri-lo, mas não queria que nada estragasse um estado de espírito perfeito. Com o tempo, porém, a curiosidade venceu.

Um bilhete dobrado, escrito em papel amarelo, caiu da caixa no meu colo. Abri o bilhete e li sua mensagem quase ilegível. Era apenas uma frase, mas tinha tanto conteúdo que acabei lendo-o várias vezes seguidas. Embrulhado numa manta de xadrez vermelho que também viera no pacote, passei a noite inteira acordado lendo a frase.

“Só existe um Avatar de cada vez.”

# DEPOIS DA GUERRA

— **A**dorei essa cadeira de balanço – declarou o rapaz. —  
Quantos anos tem essa coisa? Parece móvel antigo.

— Consegui um ano antes da Guerra Religiosa- informei.

— Ainda bem que a guerra terminou um ano antes do meu nascimento – suspirou o jovem. — Nem consigo imaginar como foi a vida naquela época.

— Você deu sorte em ter perdido isso.

— Você esteve naquela guerra?

— Todo mundo esteve naquela guerra.

— Deixe-me perguntar-lhe uma coisa – começou. — Você acha que a guerra terminou por quê? Na escola nós aprendemos que todo mundo simplesmente parou de lutar. Ninguém sabe por quê. E embora haja muitas teorias diferentes sobre pactos secretos entre líderes mundiais, ninguém sabe realmente. Você esteve lá. Em sua opinião, por que todo mundo parou de repente de lutar?

— Ponha mais lenha na lareira e lhe conto.

O rapaz olhou o relógio e hesitou. Tinha de fazer muitas outras paradas antes do almoço. Então, virou-se para a lareira e escolheu um tronco robusto.

— Se você jogar uma moeda para cima – disse eu – quantas vezes vai dar cara?

FIM